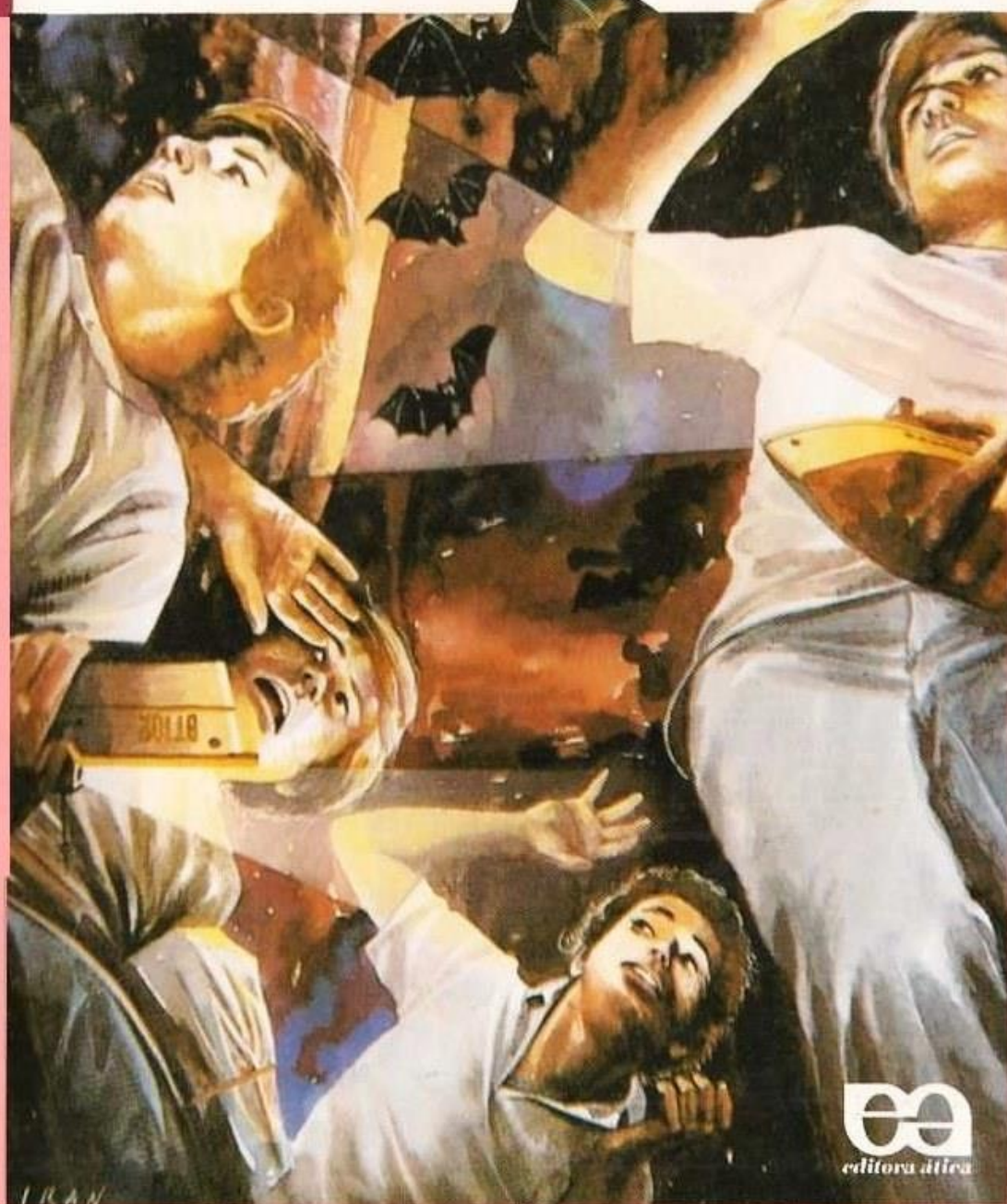




Vaga-Lume

José Mavíael Monteiro

OS BARCOS DE PAPEL



IRAN

ea
editora attica



Quito, Miguel e André e Josué resolvem explorar uma caverna que encontraram durante um passeio. Mas a excursão se transforma rapidamente num perigoso problema: os quatro se distraem e acabam se perdendo no labirinto de túneis que desbravavam.

Muito maior do que parecia, a caverna esconde surpresas que eles nem imaginam... Como escapar de uma situação como essa?

Participe dessa aventura subterrânea, em que a sorte de quatro meninos pode estar navegando num barco de papel!

Série Vaga-Lume



OS BARCOS DE PAPEL

José Mavíael Monteiro

Ilustrações
Iranildo Alves

16ª edição
6ª impressão



TEXTO

Editor

Fernando Paixão

Editora assistente

Carmen Lucia Campos

Preparação dos originais

José Roberto Miney

Suplemento de trabalho

Maria Cristina Francis Lopes

ARTE

Editor

Antônio do Amaral Rocha

Ilustrações da capa e miolo

Iranildo Alves

Diagramação

Elaine Regina de Oliveira

Arte-final

René Etienne Ardanuy

Sumário

Navegando contra o destino	6
1. OS NAVIOS DE BRINQUEDO	8
2. O LAGO DA MONTANHA	12
3. OS MENINOS DESAPARECIDOS	19
4. A CAVERNA	22
5. OS MORCEGOS	26
6. À PROCURA DOS MENINOS	31
7. UMA ESPERANÇA	34
8. UM GRANDE SUSTO	37
9. AS PRIMEIRAS BUSCAS	39
10. UM ESTRANHO ACHADO	42
11. O HELICÓPTERO	44
12. MAIS BUSCAS	46
13. A PRIMEIRA REFEIÇÃO	48
16. UMA INESPERADA VISITA	54
18. UMA NOTÍCIA ALARMANTE	59
19. CARLÃO E SETEVIDAS	61
20. O RESGATE	63
21. UMA SURPRESA	66
22. OS BARCOS DE PAPEL	68

Navegando contra o destino

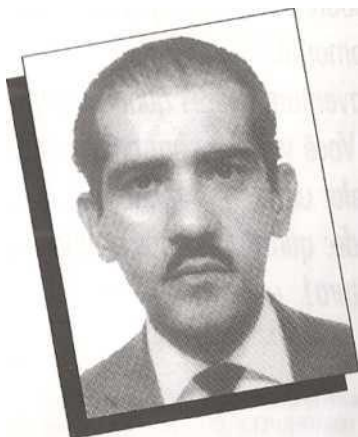
Você teria coragem de explorar uma caverna enorme, sem saber o que iria encontrar pela frente? Quito, André, Josué e Miguel — os personagens principais deste romance — não hesitaram em entrar pelas galerias de rochas que descobriram por acaso. Uma caverna grande e muito profunda, onde acabaram se perdendo.

E agora? Que perigos os garotos vão enfrentar nas entranhas da terra? Que mistérios se escondem a cada passo? Isso é somente o começo de uma história sensacional marcada por muitos sobressaltos e suspense, onde surpresas acontecem a todo momento.

Participe da aventura desses quatro companheiros corajosos e criativos. Você vai descobrir que uma brincadeira inocente pode se revelar uma arma muito útil. Agora, sem perder tempo, vá fundo: quatro meninos e uma caverna estão à sua espera. Boa leitura!

Conhecendo José Mavíael Monteiro

Nascido em 1931, em Aracaju (SE), José Mavíael Monteiro, desde menino, gostava de ler e escrever histórias. Seus primeiros trabalhos publicados, porém, foram na área de divulgação científica. Formou-se em História Natural, em Salvador (BA), e veio a fazer um estágio no Museu Nacional do Rio de Janeiro, fixando-se nessa cidade por vinte e cinco anos. Foi ainda bancário e industriário. Em 1980, publicou seu primeiro livro voltado para o leitor jovem, *A guerra das formigas*. A partir daí, dedicou-se particularmente à literatura juvenil, com bastante sucesso de público e crítica. Faleceu em 1992.



1. OS NAVIOS DE BRINQUEDO

Manhã de sol. Miguel e André saíram à rua, levando os brinquedos ganhos no dia anterior. Miguel, uma bela miniatura de transatlântico, com todos os detalhes de um navio de verdade: motor, hélices, que o faziam viajar na água. André, não menos satisfeito, levava sob o braço um porta-aviões, também movido e iluminado a pilhas. Havia recebido os presentes de seu pai, o capitão-de-mar-e-guerra Ramiro Gouveia, que os trouxera do Exterior, na última viagem que fizera.

Dentro de casa, Miguel e André não podiam brincar com os navios. Assim, naquele dia, resolveram descer a rua e levar os brinquedos para um rio que corria quinhentos metros além.

No meio do caminho, André lembrou:

— Vamos chamar o Josué?

E lá foram os dois em busca do amigo que morava dois quarteirões adiante. Josué estava brincando no quintal; veio correndo atender o chamado. Era um menino de doze anos, gordo, corado, cabelos claros.

— Que bacana! Deixe ver.

Arregalou os olhos, encantado com os brinquedos. Miguel, o mais velho dos três, ligou o motor do transatlântico fazendo girar as hélices. André mexeu numa alavanca do porta-aviões — uma portinhola se abriu e os aviões começaram a sair do porão para o convés.

— Oba! Vamos brincar no riacho? — convidou Josué.

— Adivinhão! Foi para isto que viemos.

Josué não tinha um navio. Levou seu caminhão movido a pilhas, que acendia os faróis, buzina, movia-se para frente e para trás, levantava e baixava a caçamba.

Juntos desceram até o fim da rua.

O rio, quase um riacho, naquela parte era de águas claras e mansas. As margens estavam cobertas de capim viçoso.

Miguel descalçou os sapatos, desceu até o rio, ligou as hélices do navio, colocou-o cuidadosamente na superfície da água. O transatlântico de brinquedo fez um barulhinho: z-z-z-z-z-z-z-z-z; saiu navegando, deixando um rastro de espuma como se fosse de verdade. André fez o mesmo com o porta-aviões. Mas o navio de Miguel não andou muito. Logo adiante, bateu numa pedra no meio do rio e encalhou. A hélice continuou girando, levantando bolhas de espuma, mas o navio não saiu do lugar.

— Encalhou! — gritou André.

— Vou tirar! — gritou Miguel.

Arregaçou as calças, entrou na água. Deu alguns passos inseguros na lama próxima à margem e, quando quis firmar-se numa pedra, desequilibrou-se, levantou os braços para o ar e. . . tchibum!. . . caiu de corpo inteiro dentro da água, levantando ondas que quase viraram o navio.

— Hi, hi, hi, hi.

Ouviram uma gargalhada. Olharam na direção de onde ela tinha vindo, viram um menino, mal-vestido e descalço, sentado do outro lado do rio, quase escondido por uma alta moita de capim.

André, metido a valente, tomou as dores do irmão. Gritou:

— De que você está rindo?

O outro não disse nada. Parou de rir e ficou olhando para os três, com cara divertida.

— Vamos dar uma lição neste moleque — convidou André.

Miguel levantou-se da água, ensopado, cara de bobo, riso amarelo. Josué conservou-se à distância, parado, olhando a cena. Com a onda, o navio soltou-se da pedra e ainda com o motor trabalhando, formando flocos de espuma, desceu a corrente do rio.

André atravessou a água, disposto a tomar satisfações do garoto desconhecido, que continuava sentado, sem fazer nenhum movimento para fugir:

— De que é que você riu? — perguntou, quase gritando.

O menino olhou para André, com uns grandes olhos redondos, mas não disse nada.

— Quer que lhe quebre o focinho para aprender a não rir dos outros?

— André, André! — chamou Josué da outra margem. — O navio está indo embora!

O outro virou-se e viu que, realmente, o barco descia velozmente a correnteza. André saiu correndo pela margem. No mesmo instante o menino desconhecido levantou-se de um pulo e adiantou-se a ele em direção ao navio.

— Pega, pega! — gritou André. — Ele vai roubar o navio!

Miguel, ainda se refazendo da queda, e Josué correram também, mas o desconhecido era mais rápido e ganhou a dianteira.

— Pega, pega! — gritaram todos.

O garoto que ia à frente entrou na água, apanhou o navio, levou-o para a margem e sentou-se no chão, admirando aquele brinquedo que nunca tinha visto. Era como se os outros meninos não existissem. Logo depois chegou André correndo, avançou e arrancou o transatlântico das mãos do garoto.

— Eu só queria ver como é que era. É tão bonito! — falou ele, pela primeira vez.

Josué e Miguel chegaram logo após. O último trazia o porta-aviões que tivera tempo de apanhar no meio do rio. Cercado pelos três meninos, o garoto desconhecido não se perturbou. Pediu:

— Deixe eu ver este daí.

Miguel entregou-lhe o porta-aviões. Olhos arregalados, o garoto examinou o brinquedo de todos os lados: o convés, o castelo, o casco, a quilha, a hélice ainda girando. Quando seus dedos tocaram uma alavanca, uma portinhola se abriu, e dos porões saíram aviões para o convés. Abriu a boca encantado.

— Puxa! Que legal!

André não estava gostando da admiração do menino pelos brinquedos.

— Vamos embora, Miguel. Apanhe seu navio.

O irmão hesitou. André avançou e arrancou o porta-aviões das mãos

do desconhecido:

— Nunca viu isto?

— Não. É tão bonito! — Pediu: — Bote dentro d'água outra vez.

— Essa agora! Que você está fazendo aqui?

— Eu só estava olhando vocês brincarem. Eu também tenho uma canoa, mas é diferente.

— Canoa — ironizou André. — Isto não é canoa. É um porta-aviões. Navio de guerra que vai cheio de aviões para combater o inimigo. Meu pai é da Marinha, já viajou no “Minas Gerais”.

— O meu pai também é mineiro.

Os meninos riram.

— Estou dizendo que meu pai já trabalhou no “Minas Gerais”, que é um navio destes, de verdade, grandão. Meu pai é carioca. E como é que você se chama?

— Quito.

— Quito — sorriu André. — Quito é a capital da Bolívia.

Miguel soltou uma gargalhada.

— Quito é a capital da Bolívia, André?

— Não. . . Acho que é da Colômbia.

Miguel ficou em dúvida e Josué esclareceu:

— Que Colômbia, que nada. Quito é a capital do Equador.

— Quer dizer que ele é equadoriano — brincou André.

— Equatoriano — corrigiu Josué.

— Está certo, professor, equatoriano.

A todo o diálogo o menino permaneceu calado, olhando ora para um, ora para outro, como se o assunto não lhe dissesse respeito. André virou-se para ele:

— Onde é que você mora?

— Eu moro lá em cima — apontou para o morro atrás deles.

— E que está fazendo aqui?

— Eu sempre venho brincar aqui no rio, ou lá em cima, no lago.

— Que lago? — interessou-se Miguel.

— O lago que tem lá em cima, você não conhece?

— Nunca ouvi falar. Nós moramos há pouco tempo neste bairro. Não conheço nada por aqui.

— Lá em cima do morro tem um lago muito bonito, perto de onde minha mãe lava roupas. De vez em quando eu brinco lá. Tenho uma porção de barquinhos e levo lá pra cima.

— Você também tem navios assim como estes?

— Não, são diferentes. São barcos de madeira que eu mesmo faço. Tenho uma canoa que botei uma vela de pano velho e ficou joia.

— Você que fez?

— Foi. Não tenho brinquedo comprado. Só tenho brinquedo fazido.
— Fazido? — estranhou André com um riso nos lábios.
— É. . . Que eu faço. Eu gosto de fazer brinquedos. Vocês não fazem?
Os meninos se olharam.

— Eu nunca fiz — respondeu André. — Pra quê? A gente compra tudo pronto.

— Mas é diferente. Fazendo, a gente faz do jeito que quer.

— Precisa saber fazer — interveio Miguel.

— Mas é fácil — respondeu Quito. — Um dia eu achei no lixo um navio deste tamanho, todo quebrado. Consertei, levei lá para o lago, mas ele afundou.

— E é fundo, o lago? — perguntou Josué que se interessara pela conversa.

— Lá perto do nascedouro é fundo, mas onde eu brinco dá pé.

— E por que você não foi buscar o navio afundado?

— Eu fui buscar, mas não prestava mais. Melhor foi fazer uma canoa de madeira que não afunda.

— Será que presta para a gente brincar lá no lago com os nossos navios? — quis saber Miguel.

— É muito melhor que aqui no rio. O lago é grande e não tem pedras no meio.

— A gente podia ir lá um dia — sugeriu André.

— Sábado — marcou logo Miguel.

— Vou pedir a minha mãe — prontificou-se Josué.

— Está combinado, Quito? — perguntaram os meninos.

— Combinado. Eu levo também minha canoa. É um pouco longe, tem que sair cedo.

Já iam saindo, Quito para um lado, Miguel, André e Josué para o outro, quando o primeiro gritou:

— Ei, como é o nome de vocês?

— Capitão André — gritou o menino lá de longe.

— Comandante Miguel — continuou o segundo a brincadeira.

— Cientista Josué — falou o último, rindo.

— Pois eu sou. . . — Quito procurou pensar.

— Inventor Quito — gritou André acenando com a mão.

2. O LAGO DA MONTANHA

No sábado à tarde, Miguel, André, Josué e Quito encontraram-se no mesmo local e começaram a subir o rio para brincarem no lago, que ficava no alto do morro. André e Miguel levavam seus navios, Josué o caminhão e um misterioso embrulho, dentro de um saco plástico pendurado no braço, cujo conteúdo a insistente curiosidade de André não conseguiu descobrir. Quito, um tosco barco de madeira feito com um tamanco velho e um trapo de pano representando a vela.

Quito ia à frente para mostrar o caminho. Tinha um andar engraçado, vestindo as calças abaixo da cintura, por causa do peso das coisas que levava nos bolsos: um pequeno alicate, um martelinho, um canivete, chave de fenda, pedaços de arame, barbante, caixa de fósforos, tampinhas de garrafas, um estilingue, pregos, parafusos, porcas, uma mistura de coisas que parecia uma oficina volante. Embaixo do braço ainda levava uma revista velha, papel para embrulhar “coisas importantes” que encontrasse pelo caminho. “Coisas importantes” eram pregos, parafusos, latinhas, pedaços de arame, qualquer coisa que ele guardava escondido para fazer seus brinquedos. Elas sempre teriam utilidade. Com pedaços de madeira e coisas assim é que construía seus caminhões, barcos, aviões. Sendo o pai marceneiro, a mãe lavadeira, Quito via nas vitrines das lojas os brinquedos, inacessíveis para ele. Em casa, com as ferramentas do pai, fazia os carrinhos com que brincava nas estradas acidentadas por ele mesmo construídas à porta de sua casa.

Quito ia conduzindo o grupo margeando o rio, subindo a ladeira em busca do lago lá em cima. As últimas casas da cidade ficaram para trás e agora as duas margens do rio eram cobertas por uma vegetação que se tornava cada vez mais fechada. Árvores debruçavam-se sobre as águas, fazendo uma sombra agradável e fresca. O leito do rio se tornava pedregoso, as águas mais rápidas, correndo entre rochas, espumando, formando corredeiras. Passarinhos cantavam na mata e insetos zumbiam.

Já tinham andado bastante e o cansaço começou a chegar. André reclamou:

— Ainda está longe, Quito? Olhe que já andamos um bocado.

— É logo ali, depois daquela curva — explicou o menino que ia à frente.

— Será que não tem cobra? — perguntou, amedrontado, Miguel.

— Nem jacaré? — quis saber Josué, que ia por último.

Quito abriu a boca num riso largo:

— Estão com medo?

— Eu não — adiantou-se André.

— Pode ter cobra aí no meio do mato — lembrou Josué.

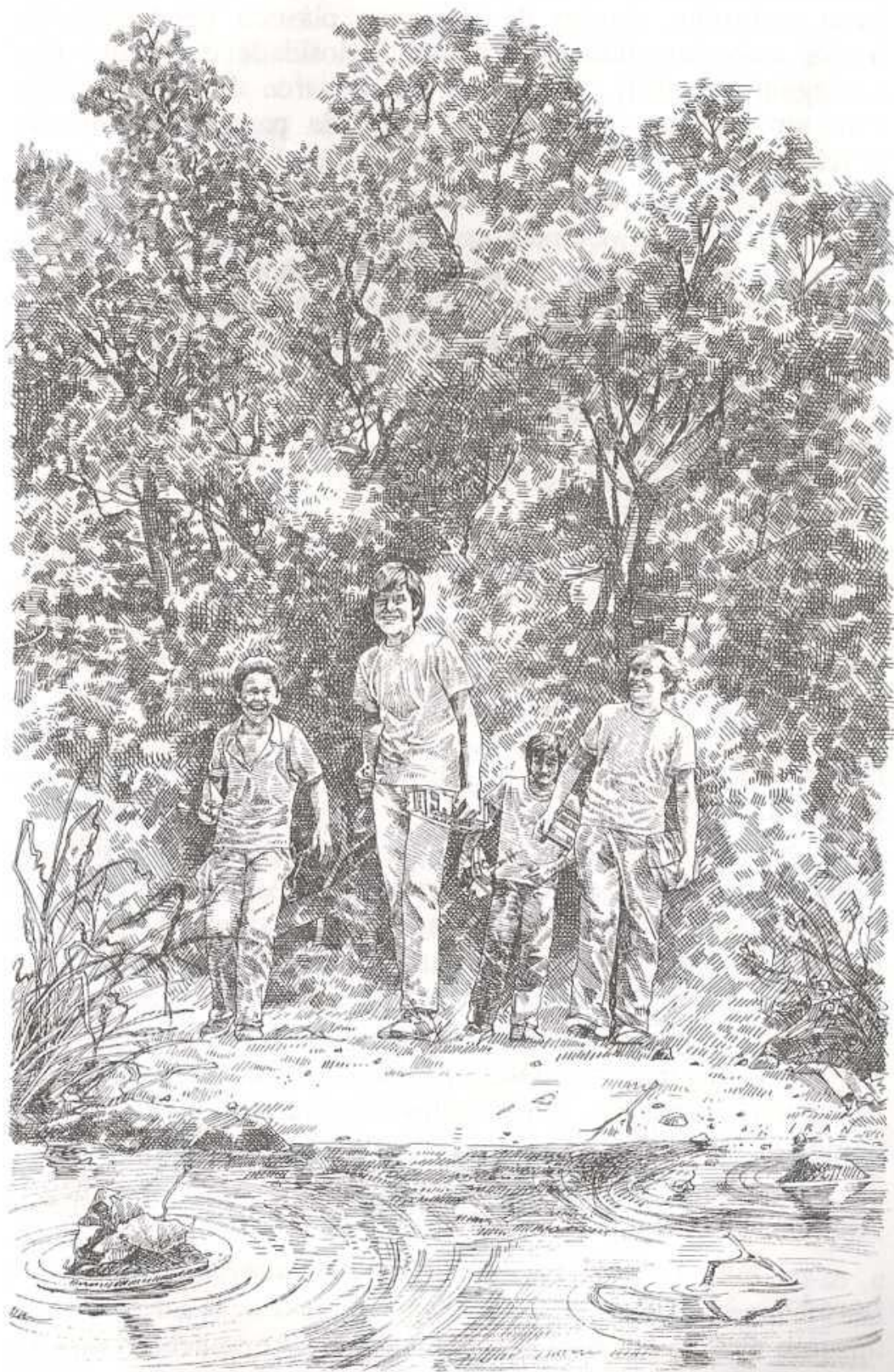
— E também jacaré, crocodilo, hipopótamo — brincou André. — Você está assistindo a muito filme de Tarzã.

— Não estou brincando, André.

— Nem eu. Você já viu jacaré dentro da cidade?

— Isto aqui não é cidade.

— Pois se está com medo, volte.



*Quito, Miguel, André e Josué encontraram-se para
brincar no lago, que ficava no alto do morro.*

— Oh! André, deixe o Josué — defendeu Miguel. — No meio deste mato pode ter até cobra, mesmo.

Continuaram andando rio acima. O cheiro gostoso do mato penetrava-lhes pelas narinas, insetos vojavam em torno, pássaros cantavam no alto das árvores. Quito deu uma carreira até a próxima curva e gritou para os companheiros:

— Chegamos, é aqui.

Os outros três apressaram o passo e depararam com um lago de águas mansas, cercado por uma mata exuberante.

— Lindo! — admirou-se Josué.

— É fundo, Quito? — perguntou Miguel.

— Lá para o meio é, mas aqui junto dá para tomar banho. Você sabe nadar?

— Devíamos ter trazido calções — lembrou André.

— E a mãe ia deixar a gente tomar banho aqui? — advertiu Miguel.

— A gente podia tomar banho sem ela saber.

— É perigoso, eu não sei nadar — justificou Josué.

— Não tem perigo. Junto da margem é raso, não é, Quito? — perguntou André.

— Só no meio, e na ponta do lado de lá é que é fundo. Aqui não — explicou o menino.

Quito adiantou-se com o barco a vela, abaixou-se e colocou-o na superfície da água. Deu um impulso com a mão e o barquinho afastou-se da margem, tocado por leve aragem. Miguel ligou o transatlântico. As hélices giraram livres no ar e, quando ele o pôs dentro da água, uma esteira de espuma formou-se enquanto o barco atravessava o lago.

Quito estava maravilhado, olhos fixos no navio a motor.

André pôs o porta-aviões também na água e os quatro meninos ficaram observando como navegavam bem, reproduções perfeitas de navios de verdade. Mas eles iam se afastando velozmente da margem e dentro de pouco tempo já se aproximavam do meio do lago. Josué gritou:

— Os navios estão indo para longe!

— Não faz mal, vão para a outra margem — respondeu André.

Em certo momento o porta-aviões de André avançou velozmente em direção ao barco de Quito. Os meninos torceram como numa partida de futebol:

— Vai bater, vai bater!

Impelido pela hélice, o navio aproximou-se do barco a vela e o abalroou. Com o choque, a canoa feita de um tamanco velho pendeu para um lado, adernou, mergulhou nas águas, tornou a flutuar mais adiante com a quilha para cima e a vela submersa. O porta-aviões também pendeu perigosamente para um lado, as hélices fizeram um rodaminho de espuma; ele balançou nas pequenas ondas que se formaram, esteve a ponto de tombar, mas endireitou-se e continuou o seu caminho, agora desviado pela colisão. Foram alguns segundos ansiosos que os meninos passaram quando o navio estava prestes a naufragar, mas ele seguiu sua rota,

aparentemente sem sofrer nada. Miguel, André e Josué bateram palmas entusiasmados:

— Viva! Viva!

Quito não sorriu. Tristemente viu o seu barco ser abalroado pelo brinquedo mecânico, tombar dentro da água e sair boiando como um pedaço de madeira qualquer, levado pela correnteza em direção ao rio.

Não gostou da alegria dos meninos ao ver o desastre, mas conteve-se.

Foi Josué quem notou a tristeza do menino. Quis explicar a explosão de alegria:

— Foi sem querer, Quito. É porque quando o navio bateu no seu barco parecia uma abordagem de piratas.

Quito não disse nada. Afinal, o choque entre os barcos não fora proposital.

O porta-aviões, desviado da rota pelo choque, navegava agora contra a corrente, em direção à nascente do lago. O transatlântico já se aproximava da margem oposta e em pouco tempo estava preso pelas plantas que boiavam ali.

Miguel deu volta ao lago, entrou na água que lhe dava pelos joelhos, apanhou o transatlântico e correu para junto dos outros meninos que agora se encontravam próximos à nascente.

Josué gritou entusiasmado:

— Olha ali, Miguel, a água nasce por debaixo da pedra!

Realmente, o lago terminava diretamente num enorme amontoado de pedras junto à montanha, e por baixo delas escorria um rio proveniente de um nascedouro no coração da terra. De um lado e do outro erguia-se uma parede de granito a grande altura. Em volta a mata, exuberante.

— A água sai da montanha, que bacana! — comentou Josué, entusiasmado.

— Vamos ver como é? — convidou André, que já ia entrando na água.

Quito o segurou:

— Vai não, que aí é fundo.

— Como é que a água pode nascer da pedra? — quis saber André.

— Ora, é que tem uma nascente aí dentro — explicou Josué.

— Dentro da montanha? Então a montanha é cheia d'água?

— Não. O meu professor de Geografia explicou que os rios nascem dos lençóis de água que existem embaixo da terra, isto é, da água que atravessa o solo até atingir camadas impermeáveis, formando enormes lagos subterrâneos. Por um ponto qualquer, esta água acumulada vai saindo e formando os rios. Deve haver algum nascedouro aí dentro desta montanha.

— Vamos descobrir? — tornou André a convidar.

— Como é que a gente pode entrar dentro desta pedra?

— Olha, o navio vai virar! — gritou Quito.

O porta-aviões, já próximo à pedra que se abria em arco por onde a

água passava, sofria o efeito da correnteza, balançando de um lado para outro. André virou-se e viu o barco em perigo.

— Vai afundar, meu navio vai afundar!

— Vamos arranjar um pedaço de pau para puxar — lembrou Quito.

Os quatro meninos saíram em busca de alguma coisa que pudesse puxar ou empurrar o navio para a outra margem. Quito arranjou logo um galho seco de árvore, mas era curto. Josué separou-se para o lado das pedras também em busca de uma vara. Miguel apareceu com um galho comprido e seco de bambu e começou a tentar empurrar o navio para a outra margem. Quito e André correram para ajudá-lo.

O naviozinho continuava lutando contra a correnteza e, quando o galho de bambu tocou nele, quase o afundou. A força da água era maior que o poder das hélices e não deixava o barco penetrar na gruta. Os três meninos esforçaram-se para tirá-lo dali, mas, à distância que estavam, não tinham firmeza bastante para empurrar o navio sem perigo de afundá-lo. Em certo momento, conseguiram desviá-lo um pouco da rota e o barco afastou-se para a margem oposta. A vara de bambu já não o alcançava.

— Vamos para o outro lado! — gritou Quito, e saiu correndo à frente.

Desviado de sua rota, o porta-aviões dirigiu-se para a margem a toda velocidade, pois a correnteza agora o ajudava. Dentro de poucos instantes desaparecia por baixo de um galho de árvore que estendia suas folhas por cima das águas. Quito, Miguel e André correram para alcançá-lo antes que a correnteza jogasse o navio outra vez para o meio do lago. Foi Quito quem chegou primeiro. Subiu no galho de árvore que se debruçava sobre o lago, mas o galho era fino e, não aguentando o peso do garoto, inclinou-se perigosamente:

— Cuidado! — gritou Miguel.

Quito era ágil, num momento pulou fora. O navio estava ali perto, nas águas mansas, próximo da margem. Era só apanhá-lo. André abaixou-se e levantou, triunfante, o brinquedo.

— Puxa vida! Quase meu navio afunda!

Quito sugeriu:

— Vamos amarrar com um cordão e assim ele não vai para longe.

— Mas ninguém trouxe cordão — respondeu André.

— Eu tenho.

Quito começou a tirar um montão de coisas dos bolsos: pedaços de arame, caixas de fósforos, tampas de latas, tubos vazios de pasta de dentes, pedaços de fios, pregos, parafusos, sei lá mais o quê. Os outros meninos assistiram aquilo tudo com ar divertido. André lembrou:

— Parece uma cartola de mágico. — E em voz de falsete: — senhoras e senhores, vamos apresentar agora: Quito e seu bolso mágico!

O menino sorriu e continuou esvaziando os bolsos, até que, enfim, apareceu um novelo de barbante.

André segurou o cordão, amarrou o navio, ligou o motor e soltou-o dentro da água. Miguel fez o mesmo com o seu transatlântico e ficaram os três olhando, divertidos, os navios singrarem as águas mansas do lago.

De repente, André lembrou:

— Cadê o Josué?

Os três meninos entreolharam-se, espantados. Josué não estava com eles. Olharam em volta, no outro lado do lago, junto às pedras da nascente, na mata em derredor, e nada do companheiro.

— Deve estar por aí caçando bichos — lembrou Miguel.

— Caçando bichos? — estranhou Quito.

— É a mania dele — explicou Miguel — andar pegando tudo que há de bicho: borboletas, besouros, aranhas, gafanhotos.

— Pra quê? — ainda quis saber Quito.

— Sei lá. É metido a cientista. É o cientista louco da turma. Na casa dele tem uma porção de insetos espetados em alfinetes. Tem cada besouro lindo e uma borboleta azul deste tamanho.

— E não fica podre, não fica fedendo?

— Não. Fica sequinho. Ele põe numa caixa com naftalina.

— Josué!... — gritou André.

— Josué! . . Josué!... — gritaram os outros dois meninos.

Um bem-te-vi cantou ali pertinho. Quito observou:

— Olha, o bem-te-vi já descobriu onde ele está.

— Josué, Josué!... — tornaram a chamar.

Ninguém respondeu.

— Deve estar lá atrás das pedras — sugeriu André.

Saiu correndo em volta do lago à procura do amigo, seguido pelos outros dois. Adiante estava o caminhão de Josué no meio do mato. André apanhou-o.

— Josué, Josué!

Nada. Os meninos começaram a ficar preocupados.

— Onde será que ele se meteu?

— Josué, Josué! — gritaram mais alto.

O bem-te-vi tornou a cantar.

— Josué, nós já vamos embora — ameaçou André.

Olharam as grandes rochas junto à encosta da montanha, procuraram de um lado, do outro, chamaram, gritaram, nada do menino.

— Deixe pra lá, depois ele aparece — sugeriu Miguel sem muita convicção.

— Vai ver que é capaz de estar aí por perto gozando a cara da gente — lembrou André.

Voltaram às brincadeiras com os navios no lago. Mas não estavam tranquilos. A ausência do companheiro começava a intrigá-los.

— André, vamos procurar o Josué — chamou Miguel.

— Ele está escondido por aí, Miguel. Deve estar caçando formigas.

— Não pode ser, já faz muito tempo.

— E como pode ter desaparecido? Dentro d'água não caiu, que não

ouvimos barulho algum. Só se foi embora.

— Ele não ia sem avisar, André. Deixou até o caminhão abandonado que você encontrou.

— Mas o embrulho misterioso ele levou — brincou André.

Miguel, o mais velho da turma, achava-se responsável pelos outros:

— Pode ter acontecido alguma coisa. Vamos procurar, cada um vai para um lado.

— É capaz de ter sido engolido pelo bicho-papão, ou pelo abominável homem das neves — brincou André.

— Você procura na margem direita, Quito na esquerda e eu no meio das pedras — comandou Miguel sem se importar com a brincadeira.

3. OS MENINOS DESAPARECIDOS

O lago nascia por baixo de enormes rochas que iam até os contrafortes da montanha, também de granito. Pedras enormes formavam um amontoado sem ordem, e por entre elas nascia um capim alto e até arbustos. Um bonito espetáculo, ver as plantas nascendo em qualquer lugar onde se amontoasse um pouco de terra e umidade.

Miguel seguiu para aqueles lados, conforme ele próprio determinara, na distribuição de tarefas entre os amigos. Admirou as grandes pedras, cinzentas, esbranquiçadas umas, amareladas outras. Um calango correu, escondendo-se num buraco. Miguel descobriu que duas rochas separadas formavam um caminho estreito por onde uma pessoa podia passar. Enveredou por ele, mas logo depois viu, desolado, que o caminho não tinha saída. Voltou. Subiu com certa dificuldade em uma grande pedra e chamou:

— Josué!. . . Josué!. . .

Só ouviu o zumbido dos insetos em volta e o canto insistente do bem-te-vi. Dali do alto, enxergava Quito enveredando mata adentro no lado esquerdo do lago. Não viu André. Este devia estar procurando o companheiro desaparecido na outra margem.

André, entre a mata do lado direito, viu Miguel subir na grande pedra e chamar por Josué. Caminhou com cuidado pela mata, com medo de encontrar cobra ou outro bicho perigoso. Não era acostumado àquilo e não queria arriscar-se, embrenhando-se no mato fechado. Andou à volta do lago, sempre chamando o nome do amigo.

Quito, mais afoito, subira no alto de uma árvore, tentando enxergar melhor. Gritou pelo nome de Josué, mas em resposta só ouviu a voz de André, também chamando pelo amigo, do outro lado do lago. Deu vontade de assoviar para ser ouvido mais longe, porém teve medo. Ouvira seu pai contar que, quando se assovia na mata, está-se chamando o caapora, que é um monstro com os pés virados ao contrário, que anda montado num porco selvagem. É o defensor das matas. Contentou-se em apenas chamar o nome do menino desaparecido.

Josué desaparecera mesmo. Não era possível que estivesse brincando de esconder por tanto tempo. Alguma coisa devia ter acontecido. Quito começou a ter medo. Seria mesmo o caapora? Ouvira contar que ele era o gênio encantado que protegia os bichos da mata, e Josué gostava de matar insetos para sua coleção. Será que ele havia encontrado o caapora e agora estava perdido?

Teve vontade de ir embora também. Estava com medo. Desceu da árvore e logo adiante encontrou André.

— Viu alguma coisa, Quito?

— Nada. E você?

— Procurei por todo o outro lado do lago, gritei não sei quantas vezes. Não sei o que aconteceu a Josué. Ele não é destas brincadeiras. Acho melhor ir avisar lá em casa.

— Eu também acho.

— Vamos chamar Miguel. Um de nós vai avisar, enquanto os outros ficam aqui, procurando. . . Aqui é sempre assim deserto, não vem ninguém?

— perguntou André.

— Fim de semana, não. Nos outros dias, logo ali adiante, no lugar

onde tem umas pedras no meio do rio, tem muita gente. As lavadeiras vêm lavar roupas aqui, minha mãe também — esclareceu Quito.

— E nunca aconteceu nada?

— Não. Nunca ninguém viu caapora por aqui.

— Caapora?

— Sim. Um moleque peludo, com os pés virados para trás, que anda montado num porco selvagem para defender os bichos do mato.

André riu.

— Você acredita nisto, Quito?

— Acredito. Meu pai não quer que eu me meta no mato por causa do caapora. Se ele pegar alguém fazendo mal às plantas ou aos bichos, dá um jeito que ninguém encontra mais o caminho de casa, fica perdido no meio do mato.

— Isto é lenda, Quito. Não existe não.

— É o povo que conta, mas eu acredito.

— Bobo.

— Sou bobo não.

— Deixe o caapora pra lá; vamos chamar o Miguel para que um de nós possa descer e pedir socorro. O desaparecimento de Josué está me preocupando.

Juntos caminharam até as pedras. Miguel já não estava naquela pedra maior do alto. Chamaram:

— Miguel!. . . Miguel!. . . Encontrou alguma coisa?

Ninguém respondeu.

— Miguel!. . . Miguel!. . .

Nada.

Estava já bem perto das pedras e o amigo, com certeza, ouviria o chamado.

— Migueeeeeel, Migueeeeeeeel. . .

Nenhuma resposta. André olhou desconfiado para Quito. Este tinha os olhos esbugalhados, o rosto tenso, transparecendo o medo que lhe ia no coração. André gritou com toda a força dos pulmões:

— Migueeeeeeeel!. . .

Em resposta, só o canto do bem-te-vi. Quito calado, pálido. Só pôde murmurar:

— É este bicho maldito.

— Deixe de bobagem, Quito, caapora não existe.

— Não é caapora. É o bem-te-vi. É amaldiçoado.

— Ora Quito, deixe de bobagens.

— Vou embora, André.

— Espere aí, Quito. Miguel está aqui por perto.

Tornou a chamar:

— Migueeeeeeeel!. . . Migueeeeeeeel!. . .

Ninguém respondeu. André começou a tremer de medo. Já eram mais de quatro horas da tarde, dentro em pouco o sol começaria a baixar, e à noite seria mais difícil encontrar os amigos. Havia algo de misterioso em tudo aquilo. Primeiro, o desaparecimento de Josué, agora, o silêncio de Miguel. Era inquietante.

O perigo estava justamente naquelas pedras. Para ali fora Josué, todos tinham visto; ali também havia desaparecido Miguel. Será que existia alguma pedra falsa, algum alçapão secreto que tinha aprisionado os dois amigos?

André e Quito não tinham coragem de se aproximar mais do amontoado de pedras. De onde estavam, voltaram a gritar:

— Migueeeeeeeel, Migueeeeeeeel, Josuééééééééé, Josuéééééééé!.. .

Só o silêncio.

— Vou lá embaixo avisar o pessoal — ofereceu-se Quito.

— Não. Você fica aqui para ver se eles aparecem, e eu vou buscar socorro — respondeu André.

— Não. Quem vai lá embaixo sou eu.

—Sou eu, Quito. Meu pai é da Marinha, chama logo a polícia. Você fica de vigia.

— Fico não, André. Eu também vou.

—Está com medo?

— Não fico aqui sozinho.

4. A CAVERNA

André e Quito estavam amedrontados. Nenhum dos dois tinha coragem de ficar ali sozinho, no lago. Contudo, era preciso pedir socorro. Ainda discutiam o que fazer, quando ouviram a voz de Miguel:

— André, Quito, venham cá.

Os dois meninos olharam em volta e não enxergaram o companheiro.

— André, Quito... — outra vez o chamado.

— Onde está você?

— Aqui. . .

— Aqui onde?

A figura comprida de Miguel apareceu no alto das pedras:

— Venham ver o que Josué descobriu.

Os dois meninos correram para o local e seguiram Miguel, que já quase desaparecia no labirinto das grandes pedras, entremeadas de arbustos e mato alto.

— O que é que foi, Miguel? — perguntou André.

— Uma bruta caverna, venham ver.

— E Josué?

— Está aqui. O cientista louco e suas descobertas.

Miguel, acompanhado dos outros meninos, seguiu por entre os corredores formados pelas grandes pedras, subiu aqui, desceu ali, até que se abaixou e passou por baixo de uma pedra em arco, cuja abertura estava semi-encoberta pelo mato. Não era simplesmente um arco de pedra, era quase um túnel que desembocava diretamente numa gruta. Estava claro lá dentro porque a abóbada de pedras tinha inúmeras falhas por onde passava a claridade do dia. E lá estava Josué, de cócoras, examinando atentamente qualquer coisa no chão. Naturalmente um inseto, uma aranha ou outro bicho qualquer. André correu para ele disposto a tomar satisfações:

— Oi Josué, você é maluco. A gente já estava para ir embora e lhe deixar aí caçando aranhas. Que é que você está vendo aí?

André parou junto do amigo, mas não se interessou mais pela resposta de Josué, nem por qualquer outra explicação. Dali, viu que o que parecia uma gruta era uma enorme caverna que se prolongava montanha adentro. Entusiasmado, gritou:

— Epa! Vamos explorar a caverna?

Todos estavam com a mesma curiosa vontade, mas Miguel ponderou:

— Lá dentro é escuro, podemos nos perder.

— Era bom uma lanterna. . . — desejou André.

— Os navios — lembrou Josué — e o meu caminhão.

— Já se desinteressara pelo bicho que estava “pesquisando”.

— Que tem os navios? — perguntou Quito.

— Acendem as luzes, como se fosse uma lanterna. Meu caminhão também — esclareceu Josué.



Miguel, André e Quito seguiram por entre os corredores da caverna, fascinados com a descoberta de Josué.

— Está tudo lá na beira do lago. Vamos buscar, Quito — convidou André.

Dito e feito. Os dois meninos fizeram o caminho de volta, apanharam os brinquedos e retornaram à gruta.

André ligou as luzes de seu porta-aviões e, apesar da claridade não ser grande, permitiu que avançassem para o interior da montanha. O espetáculo que viram foi deslumbrante.

As paredes de rocha tinham veios coloridos; verdes, brancos, marrons, pontos brilhantes refletindo a luz davam aparência de estrelas no céu escuro. Continuaram o caminho. Josué encostava-se às pedras, Tateando, tocando, deslumbrado com tudo aquilo. André seguia à frente, querendo chegar logo ao fundo da caverna; Quito, atrás, olhava tudo espantado, e Miguel, já menos cauteloso, acompanhava os amigos, animado.

— Olha um elefante!

— Um jacaré!

— Uma tartaruga!

— Aquilo ali é uma estátua.

— Uma cascata de pedras!

As grandes rochas, aos olhos dos meninos, assumiam formas vivas e fantásticas. Aqui, era um homem de pedra, ali, um monstro antediluviano, acolá, um disco voador. Miguel também acendera as luzes de seu navio e a claridade era bem maior.

Agora, era um salão imenso, cujo teto, de tão alto, quase não dava para ser visto. Mais adiante, levantava-se uma imensa parede de rochas. Era o fim da caverna.

Começaram a acompanhar aquele muro gigantesco que, por certo, os levaria à saída, depois de terem dado uma volta completa.

De repente, André que ia à frente, gritou:

— Epa, aqui tem uma porta! Vamos entrar?

Era um buraco estreito na parede granítica que dava para passar apenas um menino de cada vez. Antes que alguém tivesse dito alguma coisa, já André penetrava pelo corredor estreito, iluminando o caminho com o navio.

— Venha, turma, venham ver que legal!

Quito, o menor de todos, passou sem dificuldade, seguido logo depois por Josué e, por último, Miguel. No outro lado, o salão era mais baixo e cheio de pedras formando colunas, corredores, paredes, um verdadeiro labirinto.

— Vamos voltar — tornou Miguel a insistir. — Não vai dar pé.

— Está com medo, Miguel?

— É perigoso, André. Podemos não acertar o caminho de volta. Isto aqui é muito confuso, tem muitos caminhos.

— A gente marca o caminho.

— Como?

— Sabe a história de João e Maria? Vamos marcar o caminho com miolo de pão!

— Não estou brincando, André. Já deve estar tarde. Quando a gente sair daqui já será noite, e estamos longe de casa.

— Um pouquinho só, Miguel.

— Nós voltaremos outro dia.

— Que é que vocês acham? — perguntou André a Josué e Quito.

— Eu. . .

Antes que Quito dissesse alguma coisa, ouviram um ruído estranho e, logo depois, longos guinchos. Os meninos estremeceram. Um morcego enorme passou rente a suas cabeças.

5. OS MORCEGOS

— Aqui tem morcegos! — gritou Josué.

E, logo depois, outra asa negra passou rente a sua cabeça, e outra, e outra, e mais outra, um numeroso bando, vindo da escuridão da caverna. Instintivamente, os meninos se abaixaram no momento em que os bichos passavam junto a eles, em direção à saída.

— Vamos embora daqui — chamou Miguel.

— Como?

Outro bando negro veio diretamente sobre eles. André sentiu uma asa roçar-lhe o rosto. Deu um grito:

— Vamos sair daqui. Eles estão procurando a passagem por onde viemos.

Avançaram para dentro da caverna mas, parece que toda ela estava cheia de morcegos. Milhares de asas negras revolteavam por todos os cantos, vindas de todos os lugares. Os meninos correram para um lado, para outro, procurando defender-se, mas os animais vinham em bandos, diretamente sobre eles. Sentiam o vento vibrando pelo bater das asas, abaixavam-se, escondiam-se atrás de uma pedra maior, mas logo depois tinham que sair correndo, pois a pedra estava coberta de morcegos.

Gritaram para espantar os bichos. Gritaram e correram pelos corredores estreitos entre as rochas, até que o número de animais foi diminuindo e acabou. Assustados, amedrontados, os pequenos exploradores entreolharam-se, depois que a onda passou.

— Vamos embora — disse Miguel.

Quando começaram a caminhada pela caverna, parcialmente iluminada pelas luzes dos barcos a pilha, os caminhos pareceram todos iguais. As pedras enormes formavam corredores, paredes, colunas, e na confusão do medo e espanto ante a onda de morcegos, não haviam gravado o caminho percorrido e começaram a dar voltas sem encontrarem a saída. Ninguém falava nada, mas estavam assustados.

Por um tempão, Miguel, André, Josué e Quito andaram à volta de pedras enormes, levantando os navios para iluminar o caminho, buscando daqui e dali um indício da direção certa da saída. O labirinto que as rochas formavam no interior da caverna era tão grande, que só por um acaso poderiam descobrir por onde haviam entrado.

— Estamos perdidos — Josué estava quase chorando.

— Não. Se entramos, temos que sair — afirmou André, muito embora ele mesmo não estivesse inteiramente convencido de que era assim.

Miguel e Quito estavam calados. André continuou:

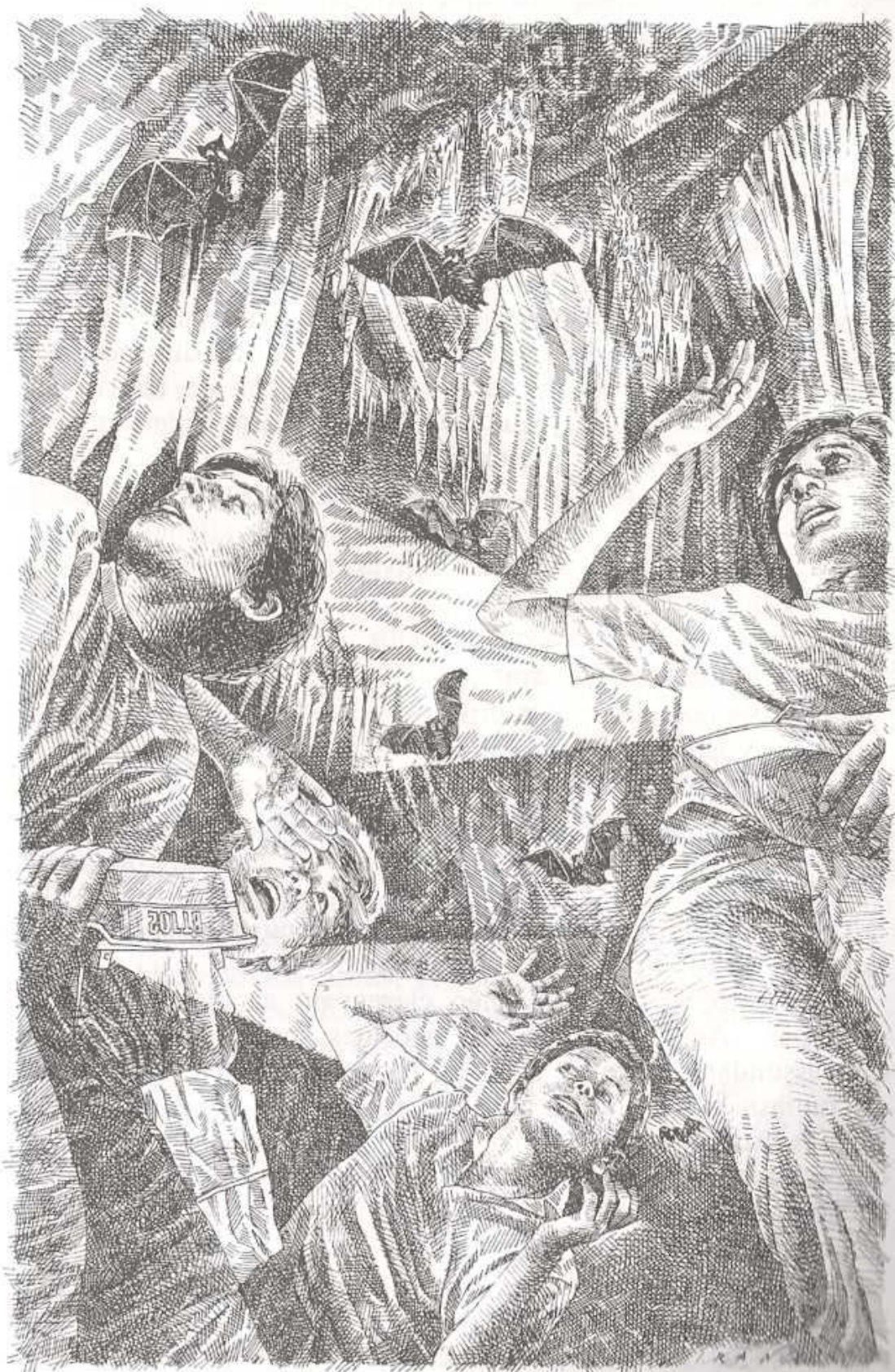
— Vamos nos separar, cada um procura de um lado.

— Vamos nos perder uns dos outros — retrucou Miguel.

— A gente vai gritando de minuto em minuto.

— Não dá certo. Só temos dois navios e o caminhão. Quito não pode procurar a saída no escuro.

— Vamos dois a dois.



Os meninos procuravam defender-se, mas os morcegos vinham em bandos, diretamente sobre eles.

Miguel advertiu:

— As pilhas estão acabando, olhe como as luzes já estão ficando fracas. Precisamos economizar.

De fato, já os navios não clareavam a caverna como a princípio. As pedras escuras, enormes, projetavam sombras que assumiam as mais diversas formas, parecendo monstros ou fantasmas. Miguel e André apagaram as luzes a uma só vez. A escuridão fez-se total, os meninos chegaram-se uns aos outros, tocando-se para sentirem-se mais seguros e o medo chegou. Um medo enorme que invadiu seus corações:

— Socorro!... — gritou Josué.

— Socorro. . . corro. . . orro. . . — respondeu uma voz, vinda do mais profundo da gruta.

— Que foi isto? — perguntou Quito num sussurro, a voz trêmula.

Ninguém respondeu. Estavam transidos de medo. A escuridão completa dava-lhes uma sensação de cegueira, e o silêncio total, cortado apenas pela respiração ansiosa, mais aumentava a aflição. Josué voltou a gritar, incontrolado:

— Socorro!. . . Socorro!. . .

E, lá do fundo da caverna, outra vez a voz misteriosa:

— S'corro. . . corro. . . orro. . .

Apesar de todo o medo, Miguel riu:

— É o eco.

— Quem? — a voz de Quito era um murmúrio quase inaudível.

— O eco, Quito.

— Quem é o eco?

— É mesmo — interrompeu André, antes que Miguel respondesse a Quito. — Vamos gritar? Socorro!. . . Socorro!. . .

Josué e Miguel acompanharam o grito:

— Socorro!. . . Socorro!. . .

E a voz repetiu a sucessão de gritos:

— S'corro, scorro, corro. . . orro. . .

— Eco é a reflexão da nossa voz nas paredes da caverna, Quito — explicou Miguel. — A gente grita, a voz bate nas pedras e volta. Quer ouvir? Socorro!. . .

— S'corro. . .

Daí para a frente, todos os quatro começaram a gritar, brincando com o eco. Isto aliviou a tensão e diminuiu o medo.

Depois de algum tempo, Miguel acendeu as luzes de seu navio e olhou o relógio:

— Mais de seis horas; já está ficando noite. É por isto que aqui está tão escuro. Quem sabe se esta caverna não tem alguma abertura que no escuro não dá para ver?

Era uma tímida esperança, em que nem ele próprio acreditava, mas dava um ânimo à turma já à margem do desespero. Josué perguntou

angustiado:

- E agora, o que é que a gente vai fazer?
- Esperar o amanhecer.
- Aqui?
- Que jeito se pode dar? — interrompeu André.
- E minha mãe, e meu pai?
- Que podemos fazer, Josué?

Tateando na escuridão, vez por outra acendendo as luzes dos navios, os quatro meninos saíram andando pelos intrincados caminhos da caverna. Iam com as mãos tocando as pedras úmidas e frias das paredes, às vezes rugosas, ásperas, que chegavam a ferir os dedos. À frente André, depois Quito, Josué e por último Miguel.

A certa altura, André acendeu a luz de seu navio e deu um grito de alegria:

- Achei a saída!
- Onde?
- Aqui! Foi por aqui que viemos.

À sua frente abria-se uma fenda na rocha, parecida com a que tinham penetrado, na gruta maior, para aquela dos morcegos. André meteu-se por ali, seguido dos três amigos. Era um corredor comprido e eles começaram a desconfiar de que tivessem, mais uma vez, errado o caminho.

- Não foi por aqui que viemos.

— É. Parece que estamos errados, mas vamos tentar mais um pouco; pode haver outra saída.

O corredor estreitava-se mais e logo depois terminava em um buraco que só os deixava passar agachados. André atravessou e iluminou a outra gruta. Falou desconsolado:

- Erramos outra vez. Não é por aqui.

Sentaram-se no chão, desanimados. Depois de algum tempo, Miguel falou:

- O jeito é a gente dormir aqui e amanhã procurar a saída.
- Dormir onde? — perguntou Josué.
- Em qualquer lugar. Não temos escolha.
- E os morcegos? — perguntou Quito.

Ninguém respondeu, até que André lembrou:

— Os morcegos ficaram na outra gruta. Para esta, passamos por aquele buraco estreito.

- Se nós passamos, os morcegos também passam.
- É só fecharmos a entrada. Tem muitas pedras ali.
- Boa ideia — concordou Miguel. — Vamos lá.

Voltaram e todos juntos arrastaram pedras e fecharam a passagem para a gruta dos morcegos. Sentaram-se no chão frio, completamente desnorteados. Miguel, embora também assustado, não podia deixar os

amigos desanimarem:

— Vamos continuar tentando.

As luzes dos navios iluminaram um estreito túnel à frente, e os meninos por ali se meteram ansiosos por uma saída.

A aventura começava a se tornar perigosa e o silêncio com que seguiram pelo caminho desconhecido demonstrava quanto estavam preocupados.

6. À PROCURA DOS MENINOS

Ao anoitecer, a mãe de Miguel e André estava nervosa com a demora dos filhos. Para piorar a situação, a mãe de Josué telefonara, também aflita, avisando que o menino não regressara. Quando o capitão Ramiro chegou do trabalho, ela contou que os filhos tinham ido brincar no lago da montanha e até aquela hora não haviam retornado.

— Estes meninos me pagam!

— Pode ter acontecido alguma coisa — justificou dona Norma.

— É malandragem. Eles vão ver uma coisa.

Mas a noite caiu e a aflição piorou.

O capitão Ramiro, que a princípio pensara ser simples travessura dos filhos, começava também a preocupar-se. Andava de um lado para outro, sem saber o que pensar. Num certo momento, disse para a mulher:

— Vou à Delegacia de Polícia.

— Eu acho que você devia ir atrás dos meninos.

— Como? Agora já está tudo escuro. Vou pedir auxílio à polícia.

E foi. No distrito, o delegado, que conversava com uma mulher que chorava, levantou-se para atender o capitão.

— De que se trata, capitão Ramiro?

— Meus filhos. Saíram à tarde para brincar no lago e até esta hora não retornaram. Alguma coisa pode ter acontecido. . .

O delegado olhou para a mulher sentada à sua frente que levantou o rosto e fitou, espantada, o capitão.

— Quem foi com os meninos? — perguntou o delegado.

— Um garoto, filho de um amigo meu, o Dr. Cardoso.

— Só?

— Foram eles três.

— Conheciam o caminho?

— Não sei. Eu mesmo não conheço este lago,mas menino o senhor sabe como é . . . descubrem tudo.

— Não foi mais ninguém com eles? — ainda insistiu o delegado.

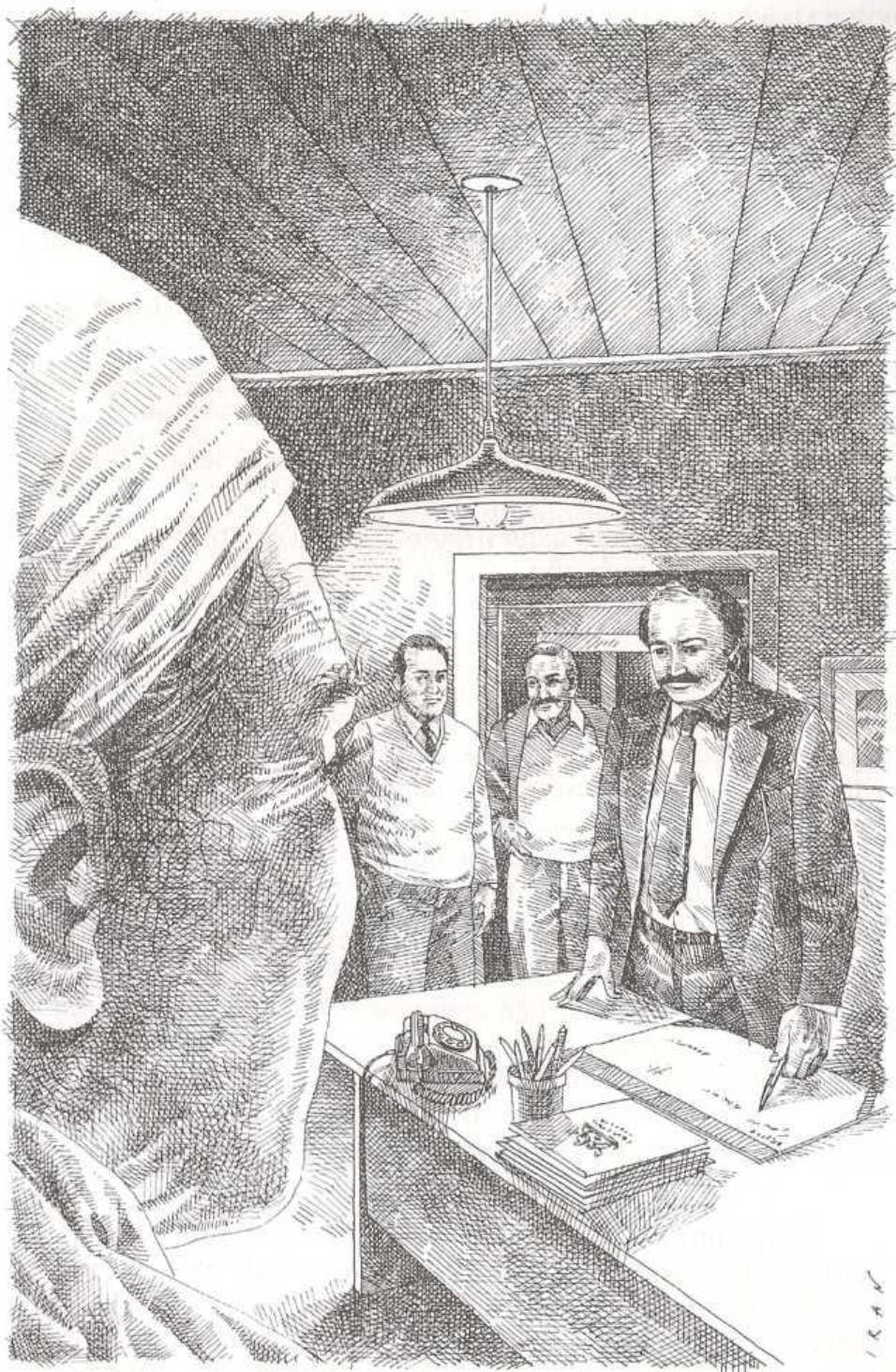
— Ah! Sim. Parece que minha mulher falou que foi um garoto da rua que os chamou para brincar no lago.

— Então foi meu filho — falou a mulher sentada ao lado.

— Um momento — interrompeu o delegado. — Esta senhora também veio à procura do filho que foi brincar no lago com outros meninos e até agora não apareceu.

O capitão Ramiro dirigiu-se à mulher:

— Não sabia que era filho da senhora.



— Eles devem ter-se perdido na mata em volta do lago.
Vou pedir auxílio ao Corpo de Bombeiros — disse o delegado.

A mulher voltou a falar:

— Quito, o meu filho, é acostumado a brincar lá em cima e nunca aconteceu de demorar tanto. Ele me disse que ia com outros meninos. . . Não sei o que pode ter acontecido. Quando estava ficando de noitinha, me deu uma aflição danada e eu fui atrás dele. Lá em cima é escuro, mata fechada, chamei por ele, chamei, mas não encontrei ninguém. . . Ah! seu

delegado, mande procurar meu filho. . .

— A senhora disse que foi ao lago à procura do menino?

— Fui, sim senhor, mas já era de noite, não dava para enxergar direito. Só fiz gritar por ele, gritei, gritei, mas ninguém respondeu.

O delegado dirigiu-se ao capitão Ramiro:

— Será que os meninos não foram para outro lugar? Disseram que iam brincar no lago e, quem sabe, tomaram outra direção?

— Acho pouco provável, pois eles sempre avisam para onde vão. Além do mais, os brinquedos que levaram foram navios a motor. Não teria sentido irem para outro lugar.

— Eles sabem nadar?

Neste instante a reunião foi interrompida pela chegada do pai de Josué, também em busca de auxílio pelo menino desaparecido. Foi logo dizendo:

— Já telefonei para todos os hospitais, pronto-socorros, tudo, ninguém sabe de nada. Isto não está me cheirando bem.

O delegado voltou-se para ele:

— Agora mesmo estava perguntando ao capitão Ramiro se os meninos sabem nadar.

— O meu, não — disse o pai de Josué. — É difícil conceber que os quatro tenham se afogado juntos.

— Os meus sabem nadar — revelou o capitão. E concluiu: — Afinal, eu sou um marinheiro.

— Quito nada como um peixe — falou, de seu canto, a mãe do menino.

— Então foram sequestrados! — quase gritou o pai de Josué. E ainda enervado: — O senhor precisa tomar providências.

O delegado manteve a calma.

— Não temos nenhum indício de sequestro, mas se isto aconteceu é preciso que se guarde cautela para proteger os meninos. Vamos primeiro atacar as hipóteses mais prováveis. Eles devem ter-se perdido na mata em volta do lago. Vou pedir auxílio ao Corpo de Bombeiros. O capitão vai pedir também ao Serviço de Salvamento da Marinha, e tudo estará resolvido dentro de pouco tempo.

7. UMA ESPERANÇA

Enquanto isso, na caverna, os meninos continuavam procurando uma saída. No fim do estreito túnel, Miguel, que ia à frente, sentiu uma leve brisa roçar-lhe o rosto. Ainda andou alguns passos, seguido dos amigos em fila indiana, sem dizer nada, sem coragem de criar uma esperança que poderia ser frustrada. Mas, à medida que caminhava, sentia mais forte a brisa no rosto. André, o segundo da fila, também notou o vento:

— Turma, estou sentindo um ventinho aqui.

— Eu também — animou-se a confirmar Miguel. — Já há algum tempo que estou sentindo uma brisa leve. Será que há uma saída?

— A saída! — gritou, entusiasmado, Josué.

— A gente não sabe, mas parece que está correndo um vento aqui no túnel.

— Eu também estou sentindo. É a saída, é a saída! Estamos salvos! — agora André também se entusiasmava.

E apressaram o passo, alegres e confiantes — havia uma esperança de salvação. O túnel estreitava-se mais e mais e agora já não precisavam abrir ambos os braços para tocarem as duas paredes. O chão era inclinado e ascendente. A brisa, agora, era facilmente perceptível, e à medida que eles avançavam, com Miguel à frente, clareando o caminho com as luzes de seu navio, parecia-lhes que a saída estava próxima.

De repente, desembocaram em um grande salão e lá de cima soprava uma brisa. Pelo que podiam enxergar, na pálida claridade fornecida pelas luzes dos brinquedos, estavam numa enorme gruta de pedra. Por uma grande abertura no alto, viam uma nesga de céu com algumas estrelas brilhando. Um grito uníssono de alegria reboou nas paredes de pedra:

— Vivaaaaaau!

Era a salvação!

Mas a alegria durou pouco. A leve brisa que soprava vinha do alto e Miguel deduziu que continuavam presos do mesmo jeito. Os outros meninos não se conformaram e iniciaram uma exploração da caverna sem encontrar a saída. Já as luzes das pilhas estavam fracas, pouco iluminando as paredes de pedra. Josué desanimava:

— Continuamos presos de qualquer forma. Já não aguento mais.

Miguel tentou animá-lo:

— O jeito é esperar o dia amanhecer. Com esta gruta clara a gente pode achar o caminho de volta. Melhor aqui que metido lá dentro, naquele buraco de pedra, sem ar e sem luz.

— Estou com fome — reclamou André.

Miguel ficou calado. Também ele estava com fome. Era um problema que os meninos ainda não tinham sentido porque as angústias da tarde haviam sido mais fortes que tudo.

Foi aí que Josué salvou a situação:

— Comida eu tenho. É pouca, mas dá para enganar.

E, sob os olhares espantados dos amigos, apanhou o saco plástico, abriu o embrulho misterioso, e de dentro dele tirou um monte de sanduíches. André ainda brincou:

— Era por isso que você estava escondendo tanto o saco? Não soltou ele um só instante!

— Nem na hora dos morcegos — lembrou Quito.

— Ainda bem, senão como a gente ia comer agora? — falou Miguel.

André gritou:

— Viva Josué!!! O nosso salvador. E para que tanta comida, Josué? Você sabia que a gente ia se perder?

— Foi minha mãe que disse que era para nós todos. Sentaram no chão de pedra fria, repartiram os sanduíches, deixando uma reserva para o dia seguinte. Foi aí que sentiram como estavam cansados. A refeição foi feita em silêncio, sem que ninguém transmitisse suas angústias, que eram de todos. Quito começou a cochilar, ajeitando-se da melhor maneira no chão de pedras. Josué não se conformava:

— Temos que continuar procurando uma saída. Não podemos passar a noite aqui.

— Você só faz reclamar. . . — retrucou André.

— Não aguento mais, não vou dormir.

— Azar seu. O Quito já está sonhando.

— Ele está acostumado a dormir no chão, eu não.

— Nem eu, mas o que é que vamos fazer? Por que não trouxe um colchão?

— Pare com isto, André — falou Miguel. — Não adianta vocês ficarem brigando, que não resolve nada. Estamos cansados e é bobagem procurar a saída agora, no escuro. Quito é que fez bem em dormir logo. Amanhã estaremos fora disto aqui.

— Não vou conseguir dormir — ainda reclamou Josué.

— Então fique acordado, vigiando — André não deixou passar.

Os dois irmãos estenderam-se no chão de pedra, duro, procurando o melhor jeito de passarem a noite. Josué, sentado, olhos abertos, tentava desesperadamente vencer a escuridão. Pensou em sua casa e no que estariam fazendo seus pais a esta hora para encontrá-lo. Que bom se pudesse mandar uma mensagem, de alguma forma. Mas, que alguma forma? As comunicações com o mundo estavam todas cortadas. Haveria de morrer ali, sem nunca mais poder vê-los. Começou a chorar baixinho, para que não fosse ouvido.

De repente, um risquinho de luz na noite. Depois outro, logo adiante, um pontinho luminoso. Chamou Miguel:

— Miguel, Miguel, olha ali — e apontou com o dedo no escuro, mesmo sabendo que seu companheiro não enxergava.

— O que é, Josué?

— Olha ali, uma luzinha.

Miguel, meio sonolento:

— E daí, Josué, que é que tem?

— Acorda, Miguel, uma luz dentro da caverna, Miguel, acorda!

O alvoroço foi tão grande, que não só Miguel, mas também André

acordou assustado.

— O que foi?

Novamente a luzinha apareceu, e depois outra, e mais outra, lá no alto.

— Olha ali, vaga-lumes.

— E daí? — retrucou André. — Está com medo de vaga-lumes?

— Não é isso. É que, se eles entraram aqui, tem uma saída.

— Claro, seu bobo. A saída está lá em cima, olhe lá as estrelas.

Pela fenda das rochas no alto, via-se uma nesga de céu crivada de estrelas. Por ali, também penetrava uma leve brisa, e possivelmente entraram os vaga-lumes. Josué não se conformou.

— Pode ter outra saída.

— Claro, pode ter, mas onde? Espero que tenha, mas nesta escuridão será impossível achar. Deite-se, e amanhã, quando o sol clarear, sairemos daqui. Não adianta você querer bancar o herói — Miguel aconselhou.

Josué sentiu quando os dois amigos tornaram a recostar-se no chão, dispostos a não darem maior importância à presença dos vaga-lumes. Pensou em ir sozinho procurar uma saída. Não podia se conformar em passar a noite ali dentro daquele buraco de pedra sem fazer nada. Um sentimento mais forte impediu-o de tomar qualquer atitude — o medo de perder-se dos companheiros. Deixou-se ficar sentado no chão observando o voo dos vaga-lumes, procurando fixar a direção de onde eles vinham ou iam, para tentar descobrir a saída.

8. UM GRANDE SUSTO

Os vaga-lumes continuavam a dançar na escuridão da noite, acendendo e apagando suas luzes. De repente, lá no fundo da caverna, apareceram duas luzes grandes e fixas. Josué estremeceu. Que seria aquilo? Por certo não seriam vaga-lumes. Eram grandes, parecendo olhos de gato, maiores até, bem maiores. . .

Josué encolheu-se, atemorizado. Poderia ser outro bicho, um gato-domato, uma onça. Dizem que os olhos das onças brilham no escuro. Ou uma pantera, uma pantera negra, daquelas ferozes que contam os livros de aventuras. Era isso, uma pantera negra. . .

Os dois pontos luminosos continuavam brilhando, fixos no menino. Ele começou a tremer. Ficou imóvel, com medo até de respirar. Parecia-lhe que qualquer movimento denunciaria sua presença.

Teve a impressão de que a caverna agora clareava, vindo a luz de um ponto qualquer que o menino não sabia. Podia enxergar melhor e viu perfeitamente os grandes olhos de uma onça. Não, não era uma onça. Era um bicho que já vira no desenho de um livro. Parecia um tigre, mas tinha os dentes enormes, tão grandes que saíam da boca, mesmo com ela fechada. Josué estava imóvel, o coração descompassado, aos pulos, um suor frio inundando-lhe todo o corpo.

Ah! Veio-lhe a lembrança. Conhecia aquele bicho; era um tigre-dentes-de-sabre! Um animal pré-histórico! Quis gritar, mas o grito não saiu da garganta. Não conseguia mover-se do lugar, parecia que estava preso ao chão, completamente imobilizado. Josué gostava de ler livros sobre os animais pré-históricos e agora reconhecia o tigre-dentes-de-sabre. Será que a caverna era habitada por monstros antediluvianos?

O tigre-dentes-de-sabre começou a movimentar-se vagarosamente e seus olhos brilharam mais na escuridão. Das sombras da caverna Josué começou a enxergar outros vultos e, pouco a pouco, monstros de longos pescoços, parecendo dinossauros, apareceram por trás do tigre. Josué imóvel, sem nada poder fazer, um suor frio por todo o corpo, um grito preso na garganta.

De repente, um grande vulto, um monstruoso gigante, surgiu das sombras, um elefante, não, um mastodonte. O tigre-dentes-de-sabre deu um pulo e correu em direção ao menino.

Josué deu um grito imenso, agoniado, e acordou suando frio.

Miguel e André despertaram espantados:

— O que foi, Josué, o que foi?

— O tigre.

— O quê?

— O tigre.

— Que tigre?

Josué estava espantado. Tinha a impressão de que não estivera dormindo profundamente, e de que, em verdade, vira movimentos de vultos na escuridão.

Mas, na caverna, só o cricrilar dos grilos e a dança dos vaga-lumes. Tudo mais, quietude.

Josué ainda tremia, mas a presença dos amigos deu-lhe

tranquilidade. Recostou-se no chão duro, de pedra, ainda com as visões dos monstros pré-históricos espantando o sono.

Por fim, o silêncio e o cansaço acabaram por adormecê-lo outra vez.

9. AS PRIMEIRAS BUSCAS

Pela noite adentro os homens-rãs da Marinha, bombeiros e policiais estiveram vasculhando o lago e imediações à procura dos meninos. Levaram toda uma parafernália de cordas, redes, lanternas, holofotes, megafones. Junto com eles acompanharam as buscas os pais dos meninos e jornalistas que foram documentar todos os trabalhos das equipes de salvamento.

Em dado momento, dona Josefa, mãe de Quito, entrou nas águas ligeiras do rio que saía do lago, abaixou-se, apanhou alguma coisa e voltou correndo para mostrar seu achado ao comandante dos bombeiros:

— Olha aqui, olha aqui o que eu achei. . . Esta canoa foi Quito, meu filho, quem fez.

O homem examinou o barquinho cujo casco fora feito de um tamanco velho.

— A senhora tem certeza?

— Toda. Meu marido está aqui. Pergunte a ele.

O pai de Quito balançou a cabeça afirmativamente.

Aquilo era uma prova de que os meninos, pelo menos Quito, haviam estado aquele dia no lago. E as buscas foram intensificadas. Os holofotes iluminaram a superfície das águas contrastando com a escuridão da mata em volta. Homens-rãs da Marinha mergulharam nas águas frias, estenderam rede no fundo, vasculhando toda a profundidade. Bombeiros armados de megafones gritaram os nomes dos meninos, mas a mata parecia completamente deserta.

O barco de Quito era a única prova da presença dos meninos ali. Lá pelo meio da noite o delegado começou a desconfiar de que poderiam estar no caminho errado. Chamou os pais dos quatro meninos em particular e disse:

— Os senhores estão vendo que embora tenhamos o indício seguro de que os meninos estiveram no lago, nada prova que eles permaneceram a tarde inteira aqui. Foram descobertas poucas pegadas em volta do lago, o que apenas confirma a presença deles. Uma das hipóteses seria de que, após brincarem com os navios, tenham se aventurado a explorar a mata e se perdido nela. É uma possibilidade e estou mandando meus homens intensificarem a procura.

— Mas, se eles tivessem ido explorar a mata, possivelmente teriam deixado os navios aqui. Não haveria necessidade de carregá-los. Na volta os apanhariam — argumentou o capitão Ramiro.

— Exatamente. Apesar de que, se os meninos tivessem muita afeição pelos brinquedos, poderiam carregá-los mesmo para explorar a mata.

— Não acredito, não. Pelo menos no caso de Josué — disse o Dr. Cardoso, pai do menino. — Ele trouxe um caminhão mecânico e este brinquedo, já mais de uma vez eu o apanhei esquecido num canto qualquer do quintal lá de casa. Não acredito que Josué tenha levado o caminhão para explorar a mata. Ele gosta muito de ver bichos, insetos, por isto não acho difícil que tenha se metido na mata. Mas com certeza não levaria o caminhão.



*As buscas foram intensificadas junto ao lago,
mas a mata parecia completamente deserta.*

O delegado retomou a palavra:

— Mesmo aceitando a hipótese de que eles tivessem levado os brinquedos, resta um mistério: a canoa de Quito. Por que ficou abandonada?

Seu Raimundo, pai de Quito, fortaleceu a dúvida:

— Quito tem muito apego aos seus brinquedos. Chego até a me aborrecer por ele não querer emprestar aos irmãos menores. Acho difícil abandonar o barco assim.

— Isto, realmente, é que precisa ser melhor esclarecido. Se as pesquisas aqui no lago e nos seus arredores forem infrutíferas, precisamos pensar em outras hipóteses. Por exemplo: é possível que eles realmente tenham brincado aqui, e que na hora de voltarem para casa aconteceu algo de anormal.

— O quê? — perguntaram os três pais de uma só vez.

— Um sequestro, por exemplo.

— Outra vez a ideia do sequestro, e agora pelo próprio delegado. O capitão Ramiro insistiu incrédulo:

— Um sequestro?

— É uma possibilidade que não se pode desprezar.

— Mas não tem mais lugar onde procurar os meninos? Eles saíram de casa cedo, podem estar longe — observou ainda o capitão, assustado com a ideia do sequestro. Os pais de Josué e Quito estavam quietos, chocados com a hipótese.

O delegado retrucou:

— Não estou afirmando nada. Apenas são hipóteses. Ainda há um local para procurar os meninos. Diz o povo que existe uma caverna aí dentro do morro. Eu não sei, nunca ouvi contar detalhes. É sabido que o lago nasce de um rio subterrâneo que vem do interior da montanha, talvez isto aí é que tenha criado a lenda de uma caverna na montanha. É caso para examinar depois que esgotarmos outras buscas mais prováveis. Depois da procura aqui no local e arredores é que poderemos pensar em outras possibilidades. Por agora, é continuar as buscas.

10. UM ESTRANHO ACHADO

Quito foi o primeiro a acordar. Já era dia claro e a luz do sol entrava pela fenda da rocha lá no alto, deixando toda a caverna em penumbra. Estavam, realmente, numa enorme gruta circular de pedra com um grande buraco no alto, por onde se via o verde da vegetação que brotava lá fora. Apesar do alívio em tornar a ver a luz do sol, estavam presos da mesma forma, pois as paredes a pique tornavam impossível a escalada. O chão era coberto de musgos, líquens e um mato sem muito viço que mal conseguia crescer no ambiente de pouca luz, além de montões de folhas secas e galhos caídos das plantas lá do alto.

Quito olhava para tudo devagarinho, cada detalhe do grande muro de pedras, na esperança de encontrar uma saída em qualquer lugar. Levantou-se sem acordar os companheiros e saiu andando para examinar tudo de perto.

Desceu com cuidado uma pedra escorregadia e avistou, lá embaixo, um lago de águas tranquilas. Estava ardendo de sede e foi quase correndo que pulou de uma pedra para outra até a margem do lago. E um grito reboou na caverna:

— Quitoooôôô!. . .

Era Miguel gritando, que acordara e não vira o menino junto aos outros. Josué e André despertaram com o grito e também chamaram pelo companheiro que não era visto nas proximidades:

— Quito!. . . Quito!. . .

Quito respondeu já de longe, tranquilizando-os, e voltou para junto dos companheiros contando as novidades. André ofereceu-se para explorar a caverna e saiu acompanhado de Quito. A luz penetrava pela grande fenda superior e eles ouviam canto de pássaros lá em cima, na mata. Os dois meninos desceram os grandes degraus de pedra, úmidos e escorregadios, cobertos de musgos e algas, até alcançarem o lago que Quito descobrira. Voltaram e percorreram todo o perímetro da caverna em busca de uma saída, ou um meio de escalar o paredão para alcançar a liberdade lá em cima, mas só puderam balançar as cabeças, desconsolados, com as esperanças frustradas. Miguel e Josué conversavam:

— Continuamos na mesma. Presos do mesmo jeito.

— Temos que encontrar uma saída.

— Como?

— Não sei.

— Escalar a pedra é impossível. Não adianta gritar que ninguém vai nos ouvir.

— Devem estar nos procurando. Vão nos achar. Se chegamos até aqui, os bombeiros ou a polícia, sei lá, também chegarão.

— Mas como eles vão saber que estamos dentro da caverna?

— Ora, devem estar nos procurando por todos os lugares.

— Podem pensar que nos perdemos na mata e nem sequer vão se lembrar de entrar na caverna, mesmo porque a entrada dela é escondida, e podem nunca ter ouvido falar dela. É capaz de ninguém saber que ela existe.

— Deixe de ser pessimista, Josué. Vão achar a gente. De dia é mais

fácil.

— Vamos comer mais um pedaço do sanduíche e encher a barriga com água para matar a fome.

Quito andava afastado do grupo, procurando uma saída, tentando subir pelas íngremes paredes, agarrando com as mãos e pés qualquer reentrância das pedras, por mínimas que fossem, mas logo depois saltava para o chão, pois era impossível prosseguir.

Os quatro meninos comeram o resto dos sanduíches, beberam a água fria do lago e voltaram a andar em volta, procurando um meio de se livrarem dali.

As enormes paredes de pedra não eram lisas. Toda a caverna era irregular, formando pequenas grutas, umas profundas, outras rasas, que eles decidiram explorar com cuidado em busca de uma saída.

De repente, Quito, que se metera numa gruta ainda inexplorada, deu um grito chamando os companheiros:

— Venham cá! O que será isto aqui?

Os outros meninos foram ver. No chão, um monte de jornais e revistas velhas estendidas como se servissem para alguém dormir. André gritou alegremente:

— Oba! Tem gente morando aqui.

— Não pode ser — contestou Miguel.

— Como não? Você não está vendo que isto é uma cama?

— Ou morou e já foi embora — disse Josué.

— Se tivesse alguém aqui dentro, já teria aparecido.

— Quem sabe? Pode ter saído. Vamos esperar que pode voltar — respondeu André.

De repente, ouviram o barulho de um avião.

Os três meninos correram para o centro da caverna enquanto Josué deixava-se ainda ficar examinando a “cama” de jornais.

Quando aquela noite sonhara com o tigre-dentes-de-sabre, pareceralhe que os vultos haviam se movimentado naquele lado. Será que. . .

— Josué! — gritou Miguel. — Venha cá.

11. O HELICÓPTERO

— Escuta — falou Miguel.

O ruído de um avião se aproximava cada vez mais.

— Um helicóptero! — gritou, entusiasmado, André.

— Estão nos procurando — confirmou Miguel.

O ruído do motor tornava-se cada vez mais forte, mais forte, parecia que sobrevoava a montanha, afastava-se, retornava.

— Estão nos procurando, mas lá de cima não dá para ver a gente aqui.

O helicóptero voltava agora a se aproximar roncando os motores, sobrevoava a mata lá em cima, a baixa altitude, tornava a afastar-se, silenciava. A fenda da rocha no alto da caverna era estreita e semicoberta pelos galhos dos arbustos. Era desconhecida a caverna em toda a sua extensão, e o que o piloto procurava era um indício dos meninos na mata do outro lado da montanha. Qual uma vespa gigantesca, o helicóptero ia e vinha percorrendo a serra em busca de clareiras onde descobrisse algum sinal dos meninos perdidos. Inúteis foram seus esforços, pois a mata virgem não mostrava nenhuma pista. Já se passara algum tempo, quando Quito teve uma ideia:

— Vamos acender uma fogueira?

— Como? — interessou-se Miguel. — Onde vamos achar fogo?

Quito retirou do bolso mágico um montão de coisas imprestáveis e dentre elas surgiu uma caixa de fósforos.

— Vamos juntar estas folhas secas que dá uma boa fogueira.

E a esperança renasceu. O chão da caverna estava coberto de folhas secas e pequenos galhos caídos do alto. Lá em cima, o helicóptero roncava aproximando-se, depois o ruído ia se tornando mais fraco, mais fraco, desaparecia. Os meninos olhavam uns para os outros com a pergunta angustiada nos lábios, que nenhum tinha coragem de fazer. E se ele não voltar mais? Desistir? Continuavam a juntar folhas secas, raminhos caídos. Quito riscou o fósforo que brilhou na semi-escuridão. Foi fácil a labareda alastrar-se pelas folhas e galhos finos, e dentro em pouco a fogueira crepitava. O helicóptero tornou a surgir com seu barulho característico e da mesma forma desapareceu. As chamas pegaram facilmente e a fumaça invadiu a caverna. Era um problema com o qual eles não contavam. Começaram a sentir os olhos arderem. Correram para o túnel por onde tinham vindo da outra caverna, mas, mesmo ali, a situação estava difícil. André, tossindo, começou a reclamar:

— Só da cabeça deste moleque, acender fogo aqui dentro.

— Eu não sou moleque; moleque é a mãe.

— Não xingue minha mãe que lhe dou um cascudo.

— Dê, se você for homem.

André pulou sobre Quito, mas este, mais rápido, correu para o fundo do túnel. André foi atrás, mas não deu dois passos, escorregou numa pedra e esborrachou-se no chão. Miguel veio apaziguar:

— Deixa disso, André, você fica provocando todo mundo.

— Ele me paga — rugiu o menino, levantando-se com os joelhos

ralados.

— A culpa é sua. Quito tem razão. Todo mundo concordou e ajudou a fazer a fogueira, inclusive você.

Mas, já a fumaça tomava o caminho do alto, a fenda lá em cima servindo de chaminé, e pouco a pouco o ar tornava-se mais respirável.

Josué foi quem notou e chamou os companheiros. André, meio desconfiado veio ver, e, à distância, Quito também apareceu. Miguel estava esperançoso.

— Deu certo. Agora, o helicóptero vai descobrir o sinal.

Ficaram aguardando o ruído salvador, mas, quando ele veio, era distante, parecendo que explorava agora outras regiões da montanha, longe dali. Não durou muito e tudo voltou ao silêncio. Nova espera. O fogo crepitava no meio da gruta e os meninos o alimentavam com galhinhos e folhas secas.

Outra vez o ruído, mas desta vez mais fraco ainda, mais longe, mais rápido. Por muito tempo ficaram ali em volta do fogo, vendo escoarem-se os minutos e a esperança cada vez menor. Nada falavam, ouvidos atentos ao mais débil ruído, mas só ouviam os pássaros cantando lá em cima, na mata.

Josué murmurou tristemente:

— Desistiram. Estamos perdidos.

12. MAIS BUSCAS

Naquele dia, que era um domingo, os jornaleiros apareceram nas ruas gritando as manchetes: “QUATRO MENINOS DESAPARECIDOS NO MORRO DO JACARÉ”, “MISTÉRIO NO DESAPARECIMENTO DOS MENINOS”, “MENINOS PERDIDOS OU SEQUESTRADOS?”, “TODA A CIDADE EMOCIONADA COM O DESAPARECIMENTO DOS MENINOS”.

Repórteres tinham acompanhado o trabalho de busca, entrevistado pessoas, mas até a hora em que os jornais haviam sido impressos, o desaparecimento dos meninos continuava um grande mistério. Alguns jornais haviam optado pela hipótese de sequestro. Parecia-lhes que dificilmente os garotos se teriam aventurado nas matas do morro do Jacaré, quando haviam saído para brincar no lago. Mesmo sem nenhuma notícia dos possíveis sequestradores e nenhum pedido de resgate, mesmo assim podia-se pensar nesta possibilidade. Afinal, três deles eram filhos de famílias ricas.

Cedo, pela manhã, as equipes de socorro, seguidas de curiosos e repórteres que subiram o morro para assistir ao resgate, começaram os trabalhos pesquisando a mata ao redor do lago. Este nascia por baixo de uma montanha de pedra sem vegetação, que se alteava por cima da mata formando uma crista e dividindo-a em duas partes. Não era possível que os meninos a tivessem escalado e passado para o outro lado. Assim, o mais provável era que se tivessem perdido na mata próxima ao lago. A caverna, onde eles estavam sem que ninguém soubesse, era vagamente conhecida. Sabia-se de sua existência, mas ninguém se aventurara a penetrá-la. Sua abertura era uma estreita fenda entre as pedras, dificilmente visível e que só a curiosidade de Josué descobrira. Não se conhecia o seu interior nem as dimensões. Mesmo assim, ela também seria vasculhada mais tarde por equipes especializadas.

Os homens se espalharam munidos de cordas, armas, facões, megafones, rádios transmissores-receptores, medicamentos, por toda a extensão da mata em volta do lago. Era mata virgem e, por mais que procurassem, não encontraram pista alguma da passagem dos meninos.

Não havia galhos quebrados, picadas abertas, rastro algum de pessoas que tivessem passado por ali no dia anterior. Pegadas havia, mas só na terra em volta do lago, assim mesmo semidestruídas pelas equipes que durante a noite haviam procurado os corpos dos garotos na água.

Homens munidos de megafones gritaram os nomes dos quatro meninos, espantando os bichos da mata, mas sem nenhuma resposta. À medida que iam penetrando na mata, a caminhada se tornava mais difícil e perigosa. Grossas raízes afundadas em montões de folhas secas, troncos em decomposição, cipós emaranhados formando redes vivas, tudo isto dificultava o trabalho, as esperanças diminuía e o mistério aumentava.

Para auxiliar a busca e o salvamento caso os meninos estivessem em lugares de difícil acesso, foi pedido também o auxílio de um helicóptero. Durante boa parte da manhã o aparelho esteve sobrevoando a região a baixa altitude em busca de qualquer sinal que denunciasse a presença deles. A atenção foi concentrada, entretanto, na mata do lado do lago, e por esta razão nem o piloto nem seu acompanhante avistaram o tênue penacho de fumaça que saía do outro lado do morro e que o vento logo dispersava. Assim, de nada adiantara a fogueira que os meninos tinham acendido dentro da caverna ao ouvirem o barulho do helicóptero.

Nada fora encontrado. Restava, mesmo sem grandes esperanças, a

caverna.

13. A PRIMEIRA REFEIÇÃO

Em vão os meninos esperaram a volta do helicóptero. De pé, calados, imóveis, olhos fitos no alto, aguardaram ansiosos a volta do ronco salvador, enquanto a fogueira queimava levemente e se extinguia pouco a pouco.

Quito, cabisbaixo, começou a andar à volta, sem saber o que fazer. Estava com fome. Só restavam alguns pedaços dos sanduíches, economizados da manhã. Percorria a caverna olhando para o alto, buscando uma saída que lhe parecia cada vez mais impossível. Tinham de ser salvos por auxílio vindo de fora, mas como avisar que estavam ali? A esperança do helicóptero desfizera-se no tempo. Já o sol ia alto e entrava diretamente na caverna, formando uma zona de luz no chão que iluminava as paredes graníticas, dando uma boa visão do local onde estavam presos.

O passeio de Quito levou-o às margens do lago. Aquele mesmo lago que ficava no fundo da caverna onde estavam e que ele descobrira logo que acordara. Sentou-se numa pedra e ficou olhando as águas, agora claras, com o reflexo da luz do sol.

Josué veio ter com ele e sentou-se ao seu lado. Ficaram ambos calados durante algum tempo, até que Josué disse:

— Olhe, Quito. Este lago é a nascente do rio que forma aquele outro lago onde nós brincamos ontem.

O menino olhou para o outro, meio espantado:

— Como você sabe?

— Só pode ser, Quito. O rio nasce aqui, passa por baixo da caverna e vai até o lado de fora. — Apontou para uma extremidade do lago: — Olha lá, aquela folha vai desaparecer por baixo das pedras.

Quito ficou pensando, depois disse:

— Quer dizer que se a gente mergulhar aqui vai sair lá fora?

— Não, Quito. Que a gente não sabe o que vai encontrar no meio do caminho. A caverna é grande e ninguém vai ter fôlego para aguentar mergulhado o tempo todo.

André foi chegando, seguido à distância por Miguel:

— Que é que a gente vai comer? — perguntou.

Os sanduíches já haviam acabado. Restavam apenas alguns pedaços. Quito olhou para o lago, viu muitos peixes, até de bom tamanho.

— Por que não pescar para comer?

Chamou os companheiros. Novamente o seu bolso forneceu cordão para a linha, arame para o anzol improvisado, cuja ponta foi afiada na pedra do chão. E a isca? Presunto do sanduíche.

— E como vamos comer os peixes? — quis saber André.

Quito esclareceu:

— Como? Comendo.

— Comer peixe cru? Não sou japonês. Japonês é que come peixe cru.

— A gente cozinha na fogueira.

Quito enfiou um pedaço do sanduíche no anzol, jogou a linha no lago e ficou aguardando. Não demorou muito e sentiu quando um peixe mordeu

a isca. Rápido, puxou a linha e o peixe saltou no chão, estrebuchando, em movimentos desordenados de agonia. Os meninos gritaram em festa. Não era grande, um palmo se tanto, mas no lago havia exemplares bem maiores. A pescaria tornou-se uma brincadeira, e agora, ao invés de um anzol, já eram dois mergulhados na água. Foi André quem pescou aquele tremendo peixão de quase meio metro! Quito foi nomeado o cozinheiro da turma e André ofereceu-se para “descascar” os peixes.

— Descascar? — riu Josué. — Peixe agora é banana?

— Sei lá. Vocês não entenderam? Vou tirar as escamas. Me passa o canivete aí, Quito. Josué e Miguel vão acender o fogo. Aqui todo mundo tem que trabalhar.

Enquanto André e Quito preparavam os peixes, Miguel e Josué arrumavam as pedras, juntavam galhinhos secos, acendiam o fogo. Os peixes começaram a chiar na pedra aquecida, tostando de um lado. Com pedaços de pau viraram os peixes e nacos de carne ficaram grudados às pedras quentes.

— Acho que já está bom.

Quito foi o primeiro a experimentar a carne branca, ainda quente. Pôs na boca e cuspiu no mesmo instante.

— Está pegando fogo.

— Quem manda ser guloso? . . .

Os dois peixes ficaram esfriando. Quando suas carnes estavam apenas mornas, Quito experimentou de novo:

— Está ótimo.

— Verdade? — perguntou Josué.

— Está bótimo — respondeu Quito. — Melhor que bom e melhor que ótimo: Bótimo.

Josué tirou um pedaço, cuspiu:

— Horrível! . . Não como essa porcaria.

Miguel e André também provaram os peixes sem sal e sem tempero, com horroroso gosto de fumaça. Dava vontade até de vomitar. Miguel aguentou firme, fitando Josué que se mantinha à distância, olhando horrorizado a cena. Quito comia sem reclamar, já que a fome era grande. André também avançou no peixe e chamou Josué:

— A gente não tem o que escolher, Josué. Ou come este peixe ou fica com fome. — Depois completou ironicamente: — A não ser que você queira ir almoçar na casa da mamãe.

— Não comece a puxar briga, André. Você não pode passar sem uma discussão — reclamou Miguel.

— Este filhinho da mamãe ainda quer escolher comida. Coma se quiser.

— Cale a boca, André — gritou Miguel.

Josué não teve outro jeito senão também provar o peixe e tentar engoli-lo. A fome já estava lhe dando dor de cabeça.

Acabada a refeição, beberam água e sentaram-se em volta do lago, pensando no que poderiam fazer para saírem dali.

14. UM TELEFONEMA MISTERIOSO

Eram nove horas da manhã. Dona Norma, mãe de Miguel e André, aguardava aflita alguma notícia dos meninos, quando o telefone tocou. O capitão Ramiro estava em casa e, ao mesmo tempo em que ela tirava o telefone do gancho, ele também o fazia na extensão. Ela falou primeiro:

— Alô, alô, quem fala? — perguntou aflita.

— Dona Norma? — era uma voz de homem, desconhecida.

— Sim.

— Escute o que vou dizer, calada, sem fazer perguntas. Eu sei onde estão os meninos. . .

Ela interrompeu, nervosa:

— Quem fala?

— Já disse para não fazer perguntas. Miguel, André, Josué e Quito estão bem, não se preocupe.

— Mas quem fala?. . . Oh! Meu Deus. . .

— Se a senhora interromper outra vez, eu desligo. Os meninos estão bem, apenas querendo voltar para casa. Isto vai depender da senhora e de seu marido. Antes de tudo, é preciso que não avise a polícia deste telefonema, senão nunca mais verá seus filhos. Deixe que a polícia continue procurando na mata ao redor do lago, mas eles não estão lá. Eu quero trinta milhões de cruzeiros para dizer onde eles estão. . .

— Isto é um absurdo! — o capitão Ramiro não se conteve e gritou ao telefone.

— Ah! Seu marido está escutando? Pois é, capitão, mais tarde darei maiores instruções.

— Alô! Alô! Alô!

Mas o telefone havia sido desligado do outro lado.

Dona Norma sentou-se na poltrona, sem fala, sem ação. Começou a chorar.

— E agora, Ramiro?

— Não sei, Norma, não sei o que pensar. Pode, inclusive, ser trote, brincadeira de mau gosto de algum malandro.

— Mas como? Tudo direitinho, o nome dos meninos, o meu, tudo. . .

— Ora, os jornais disseram tudo.

— E se não for trote, se for verdade?

— Vamos aguardar.

A polícia havia instalado gravador no telefone do capitão. Ele retirou a fita para ouvi-la. Quando acabou de escutar, calado, toda a conversa, a mulher insistiu:

— Que vamos fazer, Ramiro? Não é para avisar a polícia.

— Não podemos deixar de avisar.

— Os meninos correm perigo. Será que os pais de Josué também receberam o telefonema?

— Eu vou à casa deles. Precisamos discutir o que fazer.

— E se for verdade, Ramiro, onde a gente vai arranjar trinta milhões de cruzeiros de uma hora para outra?

— Não sei, não sei, não consigo raciocinar agora. Tem que haver uma saída.

Logo depois o capitão Ramiro foi à casa dos pais de Josué: o Dr. Cardoso e dona Elza. Trancaram-se na biblioteca, ouviram duas vezes a gravação do telefonema. O advogado falou:

— É preciso que as coisas sejam conduzidas com muito cuidado. Não podemos expor os meninos ao perigo. Pode ser um trote de mau gosto, mas também pode ser verdade. . . — Parou um pouco para pensar. — Sozinhos, nós não podemos agir. A polícia tem que ser avisada, mas com muito cuidado para que os sequestradores não saibam. Eu me encarrego disto.

Avisado, o pai de Quito ouviu com descrença a história do sequestro. Para ele era trote, maldade pura. Os meninos estavam era perdidos na mata.

15. MAIS BUSCAS — MENOS ESPERANÇA

Vagamente conhecida, a caverna da qual brotavam as águas do lago nunca tinha sido explorada pelos habitantes da cidade. Assim, só depois de esgotadas as possibilidades de encontrar os meninos no lago e na floresta em volta, foi que também se resolveu explorá-la. A própria entrada para as entranhas da terra era apenas uma estreita fenda entre duas pedras e foi com certa dificuldade que a equipe de socorro a encontrou.

Tiveram de alargar a abertura com máquinas especiais, o que levou tempo.

Enfim, os homens penetraram na caverna onde, no dia anterior, haviam entrado os meninos. O chão de pedras não deixara pegadas e nenhum indício notaram de que por ali tivessem passado os desaparecidos.

A grande caverna prolongava-se montanha adentro. Era escura, mas a equipe munida de possantes lanternas clareava toda a imensidão que revelava curiosas formas de pedra com brilhantes reflexos e veios coloridos. Era um belo e estranho espetáculo, mas eles não estavam ali para admirar as belezas da Natureza e prosseguiram em busca de uma pista que os levasse aos meninos. Mas nada indicava que eles tivessem passado ali. O tenente que chefiava a equipe do Corpo de Bombeiros, armado de um megafone, gritou o nome dos meninos, mas só o eco respondeu aos apelos e, depois, só restava o silêncio úmido das pedras.

Uma corda, amarrada à entrada, garantia a certeza de encontrarem o caminho de volta, e por isto a equipe pode penetrar cada vez mais para o interior, sem se preocupar com o regresso. As esperanças não eram grandes, mas a vontade de encontrar os meninos dava-lhes forças para prosseguir.

Penetraram pela estreita abertura que levava ao reduto dos morcegos.

As luzes das lanternas e a movimentação dos bombeiros espantaram milhares daqueles bichos feios e negros que, despertados, começaram a revolutear loucamente em volta dos homens da equipe. Eles procuraram se defender, enquanto os morcegos, aos guinchos, voavam em volta às centenas, aos milhares, desorientados em busca da saída.

As luzes das lanternas iluminavam agora um verdadeiro labirinto de corredores, arcadas, túneis, onde facilmente qualquer pessoa poderia se perder.

— Miguel, André, Josué, Quito! . . .

A voz forte do tenente através do megafone reboava dentro da caverna, despertando mil ecos, mas nada indicava que os meninos estivessem por perto. A presença dos morcegos possivelmente os teria espantado e, se haviam chegado ali, possivelmente já não estariam mais. A equipe prosseguiu, internando-se cada vez mais, percorrendo toda a imensa confusão de corredores, túneis, pequenas grutas, sem encontrar a mais leve pista. Chegaram, inclusive, a passar próximo à abertura por onde os meninos tinham saído da caverna dos morcegos e que eles haviam fechado com pedras para que os bichos não os perseguissem.

Luzes das lanternas, gritos dos megafones, busca interminável em todos os lugares, mas o resultado era de desesperar — nada dos meninos.

No outro lado da caverna, separados por uma enorme parede de pedras que não os deixava ouvir a voz dos megafones, os meninos

recebiam uma inesperada visita.



O homem tirou um revólver da cintura e apontou para Quito:
— Desce daí, moleque, já disse.

16. UMA INESPERADA VISITA

Enquanto os outros meninos andavam percorrendo a caverna, Quito ficou sentado bem embaixo da fenda na rocha que se abria para o céu azul, a liberdade lá em cima, e ele pensando num modo de escapar. Havia de ter um meio. Se eles chegaram até ali, por que as equipes de socorro não tinham conseguido? Ouvia canto de pássaros no alto; de vez em quando, um inseto, uma borboleta ou um besouro penetrava pela abertura e vinha voar ali dentro.

De repente, Quito viu que um dos galhos da árvore que avistava pela fenda se movia para um lado, e no mesmo instante notou o vulto de um homem lá em cima. Gritou:

— Miguel, Miguel, venha cá, depressa!

Miguel chegou correndo, acompanhado dos outros dois meninos.

— Que foi, Quito?

— Olhe lá em cima.

A figura do homem tinha desaparecido, mas logo depois ele tornou a aparecer, acompanhado de outro, olhando para dentro da caverna.

Em conjunto os meninos soltaram um grito de alegria e espanto ao mesmo tempo:

— Ei, ei, estamos aqui, socooooorrrroooooo, socooooorrrroooooo!. . .

Lá em cima os homens tornaram a desaparecer, mas logo depois, de um canto da fenda, apareceu a ponta de uma corda cheia de nós que foi descendo, descendo, até chegar ao chão. Os meninos, de pé, olharam-na com um riso de alegria e esperança. Estavam salvos!

Quando a ponta da corda atingiu o chão, um dos homens, com incrível destreza, desceu por ela seguido logo pelo outro.

De uma só vez os meninos correram para eles, gritando de alegria.

— Calma, meninada — falou um deles. — Como vocês se meteram aqui?

— A gente veio pela caverna. . .

— ... se perdeu na gruta. . .

— ... não sabia. . .

— ... estava perdido. . .

— ... aí os morcegos. . .

— ... pelo lago. . .

Todos falavam de uma só vez e os homens nada compreendiam.

— Calma! — gritou o homem. — Um de cada vez. Você — apontando para Miguel — você, que é o maior, conte como foi.

Enquanto Miguel contava a história, o outro homem conservava-se afastado, longe do grupo. O primeiro, que conversava com os meninos, depois que Miguel acabou de falar, perguntou:

— Vocês têm comida?

— A gente comeu peixe — respondeu Quito.

— Peixe?

— Sim, pescamos no lago.
— Comeram cru?
— Cozinhamos na fogueira.
— Mas não prestou — falou Josué.
— E minha mãe? — perguntou Quito.
— E a minha? — perguntaram Miguel, André e Josué, juntos.
— Calma, vocês querem saber tudo de uma vez.
— Como descobriram a gente?
— Depois eu conto. Na casa de vocês está todo mundo bem e com muitas saudades.
— E por que meu pai não veio? — quis saber André.
— Ele está esperando por vocês em casa. Escutem meninos, mais tarde eu vou trazer comida, mas agora preciso que façam uma coisa. . .
— Mais tarde? — estranhou Miguel.
— Sim. Daqui a uma hora, ou duas.
— E a gente não vai sair agora?
O homem demorou a responder.
— Não. . . eu não posso levar vocês agora.
— Por quê?

Uma expressão de desassossego e decepção marcou o rosto dos meninos. Só aí é que eles notaram os trajes sujos e amarfanhados, a cara estranha dos dois homens. Pensavam que seriam salvos pelos bombeiros, mas aqueles homens não estavam fardados. Quem seriam? E por que não os levavam logo dali?

Os homens olharam um para o outro, depois um deles explicou:
— É que. . . não trouxemos nenhuma aparelhagem para levar vocês daqui.
— E a corda?
— Pela corda não dá. Vocês não sabem subir por ela, é difícil. Depois nós viremos buscar vocês. Agora precisam fazer um bilhete para seus pais. Olhe aqui, trouxe papel e lápis.

Entregou o material aos meninos. Miguel ainda pediu:
— Leve a gente, moço. Não aguentamos mais ficar aqui.
— Calma, calma, vou chamar o resto do pessoal para tirar vocês, mas só mais tarde. Agora, toca a escrever um bilhete para seus pais saberem que estão bem.

Josué, que fora o primeiro a pegar papel e lápis, começou a escrever: “Mamãe e papai queridos. Estou preso na caverna. . .

O homem que observava o menino escrever reclamou:
— Nada disto.

Arrancou o papel das mãos de Josué e rasgou.

— É para escrever apenas: Mamãe e papai, estou bem, com muita

saudade. E assine. Nada de dizer onde estão.

— Por quê? — perguntou Miguel.

— Ora bolas, você quer saber de tudo — retrucou o homem, irritado.
— Porque é assim e pronto. Que droga!

Quem escrever mais do que isto, não entrego o bilhete.

Josué escreveu o que o homem dizia e passou o papel e lápis a André. Este ficou parado, sem saber o que devia fazer. O homem gritou:

— Vamos, escreva! Que está esperando? Se não quer escrever por bem, vai escrever por mal.

André fez o bilhete e Miguel assinou junto. Quito foi o último. Escreveu com sua letra miudinha, entregou o papel ao homem e guardou o lápis.

O homem pegou o bilhete, dobrou-o, enfiou-o no bolso e se dirigiu para a corda pendente do alto. Segurou-a firme enquanto seu companheiro, com a destreza de um artista de circo, subia. Depois foi ele.

Quando estava no meio do caminho, Quito correu e agarrou-se também à corda tentando subir por ela. Segurou firme com as mãos, ergueu o corpo e firmou os pés em um dos nós. Tornou a repetir o movimento, estava quase a um metro do solo. O homem gritou lá do alto:

— Desce daí, moleque, desce daí!

Mas, ao contrário, Quito continuou a subir.

O homem tornou a gritar:

— Desce daí, já disse!

Largou uma das mãos que segurava a corda, tirou um revólver da cintura e apontou para Quito:

— Desce daí, moleque, já disse.

Os outros meninos tomaram um susto e gritaram para Quito que, preocupado com a corda, não vira o gesto:

— Desce, Quito, desce depressa!

Quito olhou para cima e, quando viu o revólver apontado, deu um pulo para o chão e correu para um canto da caverna.

De lá, ele e os outros meninos viram os homens desaparecerem pela fenda da rocha e logo depois puxarem a corda para cima.

17. OS MENINOS SEQUESTRADOS

Era pouco mais de uma hora da tarde quando o telefone voltou a tocar na casa do capitão Ramiro. Ele se postara junto ao aparelho esperando a todo momento notícias dos meninos.

— Alô!. . . Alô!. . .

A mesma voz que havia telefonado pela manhã falou do outro lado da linha:

— Capitão Ramiro?

— Sim.

— Escute com atenção o que vou dizer: seus filhos estão passando bem. Se quer uma prova disto, procure uma caixa de pasta de dentes que está na cesta de lixo na esquina da rua Alvorada com a rua Prof. Leão. Dentro tem um bilhete dos meninos para o senhor. Vá sozinho e pessoalmente. Não mande ninguém.

— Sim, sim, repete o local.

A voz do outro lado repetiu as instruções e continuou:

— Agora escute calado: se quiser voltar a ver seus filhos, ponha trinta milhões de cruzeiros, em notas usadas de cinco mil, num embrulho de papel de jornal e hoje, às onze horas da noite, deixe no quilômetro 32 da rodovia Presidente Bernardes, junto à placa de sinalização que fica debaixo de uma paineira. Vá sozinho, só pare no acostamento se não tiver nenhum carro passando pelo local na hora. Estarei em algum ponto da estrada observando se as instruções foram cumpridas. Jogue o embrulho pela janela do carro e desapareça rapidamente. Pegue o primeiro entroncamento e volte para a cidade pela outra estrada. Não conte nada a ninguém e, mais uma vez, nada de polícia no caso, senão seus meninos estarão perdidos para sempre. Outra coisa: a procura dos meninos no lago deve prosseguir como se o senhor não soubesse que eles estão em meu poder. E estão muito longe dali.

O capitão Ramiro suava frio enquanto ouvia o longo discurso do sequestrador.

— Mas onde vou encontrar trinta milhões de cruzeiros assim de uma hora para outra? Eu não sou rico. É impossível reunir valor tão alto.

— Seus filhos não valem isto?

— Claro, claro, eles não têm preço. Por eles eu faço tudo, mas hoje é domingo, os bancos fechados. . .

— Problema seu. Quer saber de uma coisa? Não fique aí chorando por dinheiro, senão eu aumento o valor. Lembre-se que o senhor está em minhas mãos e, mais uma vez, nada de polícia do meio.

— Não, não, não, não vou dar parte à polícia, mas. . .

— Não tem mais papo. Espero o senhor às onze horas na estrada.

Desligou.

— Alô, alô! — ainda gritou o capitão.

Dona Norma, que viera para junto do marido enquanto este falava ao telefone, foi logo perguntando:

— E então, Ramiro, que acha? Será trote ou verdade o sequestro?

O capitão estava convencido de que a triste verdade era que os meninos haviam sido sequestrados:

— Há um bilhete dos meninos numa lata de lixo, vou buscar. Será a prova.

Saiu apressado e, exatamente como a voz ao telefone tinha dito, havia uma caixa de pasta de dentes dentro da lata de lixo e, no seu interior, bem dobradas, as cartas dos meninos. Eram apenas algumas palavras, mas suficientes para deixar o capitão emocionado. Levou os bilhetes para casa.

Não havia dúvida. A letra era mesmo dos meninos. Dona Norma ainda foi apanhar cadernos da escola para conferir. E ela ficou ainda mais aflita. Já não era uma dúvida, era uma terrível certeza: os meninos não se tinham perdido na mata — haviam sido sequestrados! A situação era grave e ela e o marido não sabiam como se comportar.

Pelo telefone foi chamado o doutor Cardoso, pai de Josué. Quando ele chegou, também não teve dúvida de que a letra era do filho. Foi difícil encontrar seu Raimundo, o pai de Quito. Ele estava acompanhando as equipes de socorro na procura dos meninos.

Seu Raimundo não quis acreditar que seu filho fora sequestrado. A letra, miudinha, era dele mesmo, mas para que o sequestrador queria o menino? Dinheiro ele não tinha para pagar o resgate.

O capitão Ramiro tranquilizou-o:

— O problema do dinheiro será resolvido. O importante é que ninguém saiba do sequestro para que nada aconteça aos meninos. Vamos continuar procurando os garotos como se nada tivesse acontecido, enquanto a polícia toma providências.

O doutor Cardoso foi à casa do Secretário de Segurança Pública comunicar o fato. Apesar de os sequestradores recomendarem que a polícia não deveria ser chamada, não havia outra alternativa. As autoridades precisariam agir com rapidez, mas sem que nada fosse divulgado à imprensa, e as buscas prosseguiriam como se nada tivesse acontecido. O dinheiro do resgate deveria ser arranjado e entregue aos sequestradores conforme exigido, e a polícia armaria um plano para prendê-los. Era fundamental que tudo fosse feito com muita cautela e sigilosamente.

18. UMA NOTÍCIA ALARMANTE

— São todos bandidos.

A um canto da caverna, sentado no chão, lívido, os lábios trêmulos, Quito estava cercado pelos amigos.

— E agora? Que é que eles querem? — perguntou André, mesmo sabendo que seus companheiros não poderiam responder.

A pergunta ficou no ar e sugeriu outras:

— Como é que chegaram aqui e os bombeiros não encontraram a gente?

— Será que eles vêm mesmo trazer comida?

— Para que o bilhete para meu pai?

— Por que não salvaram a gente?

Quito tentou responder:

— São bandidos. Não vão soltar a gente nem trazer comida. — Pensou um pouco: — Eu acho que eles estavam escondidos aqui na caverna. Era deles a cama de jornais ali no canto. . .

Os meninos concordaram. Quito continuou:

— ... O melhor é procurar uma saída antes que voltem.

— Sair por onde?

— Não sei. Vamos voltar para a outra caverna. Temos que achar o lugar por onde entramos. Eles podem voltar e matar todo mundo. Estão armados. A gente sem querer descobriu o esconderijo deles.

Miguel teve uma ideia. O mistério começava a se aclarar:

— Já sei. Eles agora vão pedir dinheiro para nos tirar daqui.

— Dinheiro eu não tenho — replicou Quito.

— Não é da gente. Vão pedir a nossos pais para dizer onde nós estamos. É como um sequestro. Vão pedir um resgate para poder nos soltar. É por isto que mandaram escrever o bilhete e assim provar que sabem onde estamos. Com os bilhetes vão falar com meu pai, o pai de Josué e o de Quito, recebem o dinheiro e soltam a gente.

Quito não acreditou muito. Pensou também que seu pai, sendo pobre, não teria como arranjar dinheiro para pagar aos bandidos. Não disse nada, guardou a aflição consigo próprio, temeroso de que seus amigos pudessem ser libertados e ele não. Insistiu em que deviam procurar uma saída de qualquer jeito.

André lembrou:

— Em último caso a gente se esconde na caverna e espera até que os bombeiros cheguem.

— E como vamos ficar lá dentro, sem comida, sem nada? — perguntou Josué.

— É mesmo. Vamos pescar um bocado de peixe e fazer uma provisão — sugeriu Miguel.

— Peixe, outra vez? — reclamou Josué.

— E que jeito?

Antes de descerem para o lago, entretanto, resolveram dar uma espiada no canto da caverna onde haviam descoberto a cama dos bandidos. Lá estava um monte de jornais e revistas velhas estendidos no chão. Andaram remexendo aqui e ali, para ver se encontravam alguma coisa mais. Nada tinha, além de umas roupas velhas e pontas de cigarros.

Já iam saindo quando Quito, distraidamente, pousou os olhos num jornal e deparou-se com uma manchete em letras grandes: “CARLÃO E SETEVIDAS FOGEM DO PRESÍDIO”, e, mais abaixo, em letras menores: “Os dois perigosos marginais, em fuga audaciosa, escaparam da Penitenciária Estadual descendo o muro por uma corda”.

— Olha isto aqui — Quito chamou a atenção dos companheiros enquanto se abaixava e apanhava a folha do jornal, levando-a para um lugar mais claro da caverna onde pudesse ler as letras miúdas da notícia.

— São eles! — gritou André, vendo as fotografias estampadas.

A reportagem trazia detalhes:

“Ontem, por volta da meia-noite, os bandidos Carlos dos Santos (Carlão) e José Severino da Silva, conhecido por Setevidas, evadiram-se da Penitenciária Estadual depois de serrarem as grades de sua cela. Desceram por uma corda de uma altura de mais de dez metros e caíram no barranco que margeia o lado norte daquela casa de detenção. Dado o alarme, a guarda do Presídio saiu em perseguição aos dois fugitivos, mas, até o momento em que foi redigida esta nota, não haviam logrado capturá-los. O terreno, coberto de densa vegetação, e a escuridão da noite dificultam as buscas, que prosseguem durante a madrugada. É mais um exemplo da fragilidade daquele Instituto Penal, como já temos denunciado mais de uma vez, nesta coluna.

Carlão e Setevidas são perigosos bandidos que cumprem longas sentenças por numerosos assaltos e crimes de morte.

Entrevistado, o Diretor da Penitenciária garantiu que todos os esforços estavam sendo desenvolvidos para a captura dos bandidos, o mais breve possível. Ao mesmo tempo, esclareceu, será aberta sindicância interna para apurar como os facínoras conseguiram os instrumentos que serviram para a fuga.”

— De quando é este jornal? — perguntou Josué.

Quito olhou a data:

— Da semana passada. São eles mesmos, que a polícia não pegou e se esconderam aqui.

— Vamos ver se tem outros jornais mais novos.

Correram outra vez ao local, procuraram novidades, mas só o que encontraram foi uma pequena notícia informando que até aquela data Carlão e Setevidas continuavam desaparecidos. A folha do jornal estava rasgada e eles não puderam saber o dia.

Os meninos se entreolharam, amedrontados. Não havia mais dúvidas. Além de perdidos na caverna, tinham sido sequestrados. Josué lembrou que, na noite anterior, quando teve o pesadelo com o tigre-dentes-de-sabre, julgou ver vultos correndo na caverna. Talvez fossem os bandidos.

19. CARLÃO E SETEVIDAS

O pesadelo de Josué fora meio sonho, meio verdade.

Carlão e Setevidas, após fugirem da Penitenciária, haviam, por acaso, descoberto aquela gruta e desde o dia da fuga tinham feito dela seu esconderijo. Nunca tinham se interessado em saber se a caverna era maior do que aquela gruta em que tinham se instalado. Foi portanto com surpresa que, escondidos no seu canto, viram a chegada à caverna, nas primeiras horas da noite anterior, dos quatro meninos. A princípio pensaram ser a polícia. Conservaram-se quietos e escutaram toda a conversa dos garotos, desesperados por estarem perdidos. Esperaram pacientemente que os meninos adormecessem. Quando o silêncio pairou dentro da caverna, resolveram sair e, do lado de fora, decidir o que fazer. Para entrar e sair da caverna usavam sempre uma corda, amarrada no alto ao tronco de uma árvore e deixada caída, pela abertura, até o chão.

Quando Carlão e Setevidas se movimentaram para saírem da gruta, Josué, semi-adormecido, percebeu os vultos, misturou a visão com o sonho e soltou o grito que assustou a todos.

Os dois bandidos voltaram para seu esconderijo e aguardaram mais um tempão que os meninos pegassem no sono profundo.

Do lado de fora da caverna, Carlão e Setevidas desceram o morro com dificuldade, porque, embora conhecessem o caminho, não havia estrada, tinham de passar pelo meio do mato. Chegaram assim a um canto de rua no subúrbio da cidade. Entraram num bar, sentaram numa mesa lá no fundo e pediram uma cerveja:

— Era só o que faltava, esses malditos garotos — queixou-se Setevidas.

— E agora, que é que a gente vai fazer?

Carlão emborcou na boca o copo, cuspiu no chão e disse:

— Agora vai a polícia toda atrás dos moleques. Perdemos o esconderijo. Vamos ver o que o rádio está dando de notícia?

E dirigindo-se ao homem do bar:

— Oh! amizade, quer ligar o rádio aí para a gente ouvir uma música?

O homem ligou o rádio e, tal como Carlão queria, estava exatamente na hora do noticiário. O repórter dizia:

“... prosseguem as buscas no alto do morro, pelas equipes do Serviço de Salvamento da Marinha e do Corpo de Bombeiros. Acredita-se que os meninos tenham se perdido nas matas do morro do Jacaré. E atenção, já foram identificados os meninos perdidos no morro do Jacaré: dois deles, Miguel e André, são filhos do capitão-de-mar-e-guerra Ramiro Gouveia; outro, Josué, do advogado Nilton Cardoso; e o quarto é o menino Quito, filho do marceneiro Raimundo Santana. Nossa equipe de reportagem está neste momento se deslocando para o morro do Jacaré para acompanhar os trabalhos de resgate a fim de bem informar nossos ouvintes...”

Carlão balançou a cabeça:

— Ei, Sete, os meninos são gente fina, heim!

— Verdade, Carlão. Isto quer dizer que vai todo mundo atrás deles para os encontrar.

— Sete, estava pensando numa coisa.

— Que é?

— Nosso esconderijo lá na gruta já tá perdido. De qualquer jeito vão acabar encontrando os moleques. A gente bem que podia telefonar pros pais deles e pedir uma grana alta para dizer onde eles estão.

— Legal, Carlão.

— Vamos deixar amanhecer o dia. Se não encontrarem os garotos a gente telefona e pede a grana.

— Vamos tomar mais uma cerveja para comemorar.

No outro dia pela manhã, Carlão e Setevidas correram para comprar os jornais que, além de contarem detalhes das buscas realizadas no lago, davam detalhes sobre as famílias dos garotos. Era o que eles precisavam para simular o sequestro.

Daí foi só telefonar para o pai de Miguel e André e dizer que os meninos estavam em seu poder. O bilhete provou que estavam falando a verdade e o golpe tinha tudo para dar certo.

Assim, acertado o resgate com o capitão Ramiro no último telefonema, em que foi combinada hora e local da entrega do dinheiro, Carlão e Setevidas passaram o resto do dia tomando cerveja para comemorar o êxito da missão.

Enquanto esperavam as onze horas da noite, horário marcado para a entrega do dinheiro pelo capitão Ramiro, ouviram também as notícias do rádio sobre os meninos desaparecidos. As buscas prosseguiram, infrutíferas, no morro do Jacaré. As mães dos meninos faziam apelos desesperados: quem tivesse alguma pista do paradeiro, informasse.

Carlão deu um tapa nas costas de Setevidas:

— Pois é, Sete, a gente podia ter pedido mais dinheiro pelos garotos. . . Até que foi barato.

— Agora não tem mais jeito... — Olhando o relógio na parede do bar: — Epa, vam'bora que a gente ainda tem que dá uma batida no mato para ver se não tem polícia escondida. Vamos lá receber a gaita. Moleza, Carlão!!!

20. O RESGATE

Eram mais de 10 horas da noite quando o capitão Ramiro acabou de fazer o pacote, embrulhado em papel de jornal, despediu-se da mulher e entrou no carro para levar o resgate aos bandidos na estrada Presidente Bernardes, quilômetro 32, conforme combinado.

À tardinha o sequestrador havia voltado a telefonar perguntando se o capitão encontrara os bilhetes dos meninos e confirmando o preço do resgate e o local da entrega do dinheiro. Terminou com uma ameaça:

— . . . E nada de polícia no meio, capitão, senão o senhor nunca mais verá seus filhos. O dinheiro terá que ser embrulhado em papel de jornal, deixado no quilômetro 32 às vinte e três horas de hoje. Logo que deixar o embrulho, desapareça rapidamente e não volte pela mesma estrada. Se eu notar algum movimento estranho pelas redondezas seus filhos estarão perdidos para sempre.

O capitão estava nervoso na hora que ligou o motor do carro, acendeu os faróis e saiu vagarosamente da garagem em direção ao local combinado. Ia sozinho, conforme exigência dos bandidos.

Atravessou várias ruas da cidade até alcançar o início da rodovia Presidente Bernardes. Era uma estrada de pouco movimento e ele percorreu os trinta quilômetros iniciais encontrando poucos veículos no trajeto. Alguns carros, caminhões, dois ônibus. A estrada era escura e ladeada de altas árvores. Não existiam casas naquela região, nem mesmo um posto de gasolina. Tudo completamente deserto.

Quando se aproximou do quilômetro 32 notou que um caminhão vinha atrás dele. Diminuiu a velocidade, deixou que o veículo o ultrapassasse e desaparecesse na distância. Só então dirigiu-o carro para o acostamento, apagou as luzes e parou exatamente onde tinha uma placa marcando o km 32. Segurou nervosamente o pacote de papel de jornal e, sem abrir a porta, jogou-o pela janela. Rapidamente voltou ao leito da rodovia e arrancou velozmente pela estrada deserta. Naquele momento não passava veículo algum.

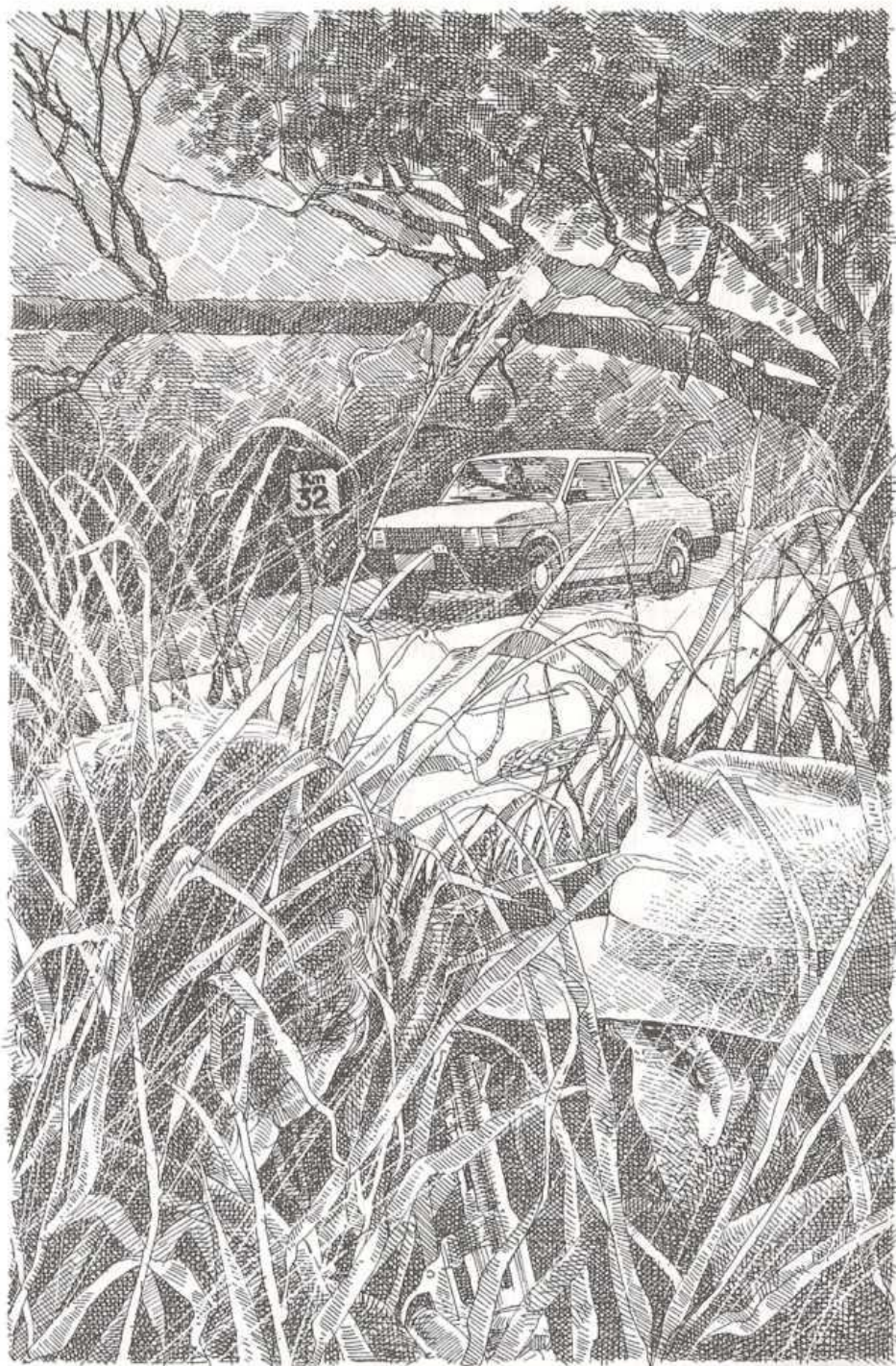
Dez quilômetros adiante, alcançou o trevo que ligava a outra estrada e voltou para a cidade.

Escondidos no meio do mato, Carlão e Setevidas viram quando o carro do capitão se aproximou do quilômetro 32, apagou os faróis, parou um segundo e arrancou com velocidade. Desconfiados, os dois bandidos não se mexeram do local onde estavam, com medo de que houvesse policiais à sua espera. Dois carros passaram correndo pela estrada e desapareceram em direção à cidade. Por medida de precaução ainda aguardaram uns quinze minutos, mas, como não notaram nenhum movimento suspeito, arrastaram-se, armas na mão, para o local onde estava o pacote com o dinheiro. Um ônibus surgiu lá longe e eles recuaram, escondendo-se outra vez no mato. Depois que o veículo passou, deram uma carreira, apanharam o pacote e Carlão não conteve o riso, comentando com Setevidas:

— É isso aí, companheiro. Essa foi mole, mole. Não pensei que fosse tão fácil.

— Agora é só telefonar e dizer onde os garotos estão.

— Pera aí, vamos conferir o dinheiro. Se faltar uma notinha, vou pedir mais dez milhões.



Escondidos no meio do mato, Carlão e Setevidas viram o capitão atirar o pacote pela janela do carro.

— Aqui é perigoso, vamos pegar o carro.

Adiante uns quinhentos metros, escondido no mato à beira da estrada, estava um Fusca que eles haviam roubado no dia anterior. Entraram no carro e acenderam a luz. Carlão no banco do motorista, o outro ao lado.

Setevidas rasgou o jornal que envolvia o pacote, ansioso para pôr as mãos no dinheiro. Mas, dentro do embrulho o que encontraram foram

pacotes de jornais velhos, dobrados e amarrados com cordão.

Setevidas olhou para Carlão, surpreso. O outro bandido pegou um dos pacotes e desmanchou. Só jornal. Depois outro, e outro e outro. Só papel velho e imprestável. Nem uma nota de um cruzeiro.

Um sentimento de ódio imenso tomou conta dos dois homens.

Setevidas murmurou, furo de raiva:

— Bandido! Cachorro! Vou matar os garotos. Todinhos. Não vai sobrar um.

Carlão estava transtornado. Ainda rasgou, desesperado, o resto de pacotes de jornais velhos sem encontrar uma única cédula.

— Vou acabar com os quatro meninos pra mostrar com quem ele está brincando.

Setevidas concordou:

— Vamos logo, vamos acabar com aquela raça toda.

Carlão estava na direção do carro. Ligou o motor, arrancou com violência e saiu em disparada pela estrada deserta.

Setevidas lembrou:

— Ligue o rádio para saber como estão as coisas na caverna, se encontraram os meninos.

Era hora do último noticiário e, por coincidência, naquele momento, o repórter informava que, apesar de todas as buscas feitas durante o dia, os garotos não tinham sido encontrados. Informava mais que a procura tinha sido suspensa aquela noite para ser intensificada no dia seguinte, logo que a manhã clareasse.

Setevidas falou baixinho:

— Pois se não encontraram os meninos, vão achar os defuntos deles. Toca para diante, Carlão.

21. UMA SURPRESA

Carlão e Setevidas estavam furiosos. Contavam receber os trinta milhões de resgate e, com o dinheiro no bolso, desaparecerem para longe, mas haviam sido logrados pelo capitão. Uma raiva imensa, vontade de chegar logo à caverna e vingar-se nos garotos.

Correndo loucamente pela cidade adormecida chegaram perto do morro do Jacaré.

Deixaram o carro estacionado no fim de uma rua deserta e começaram a subir o morro. Estavam acostumados àquele trajeto por dentro da mata durante o dia, mas à noite as coisas eram diferentes.

Depois que haviam fugido da prisão, na semana anterior, haviam-se refugiado no meio daquela mata, esperando que a polícia desistisse das buscas. Por um acaso haviam descoberto a caverna e passaram a dormir ali, entrando e saindo pela fenda do teto, por meio de uma corda com nós. Haviam permanecido ali por quase uma semana até que a presença inesperada dos meninos deu-lhes a ideia de forjarem o sequestro. E o plano, que parecia tão bom, fora agora frustrado pelo capitão que, em vez do pacote de dinheiro, lhes entregara jornais velhos. Era demais!

Com dificuldade, Carlão e Setevidas escalaram o morro coberto pela densa vegetação, procurando na escuridão da noite a picada que sempre percorriam durante o dia. Estavam decididos a se vingarem dos meninos naquela mesma noite e não iriam esperar a manhã seguinte. Haviam de pegar os quatro garotos ainda dormindo.

Já eram quase duas horas da manhã quando os dois bandidos se aproximaram da abertura da gruta, lugar já conhecido, mas que a escuridão da noite dificultava achar. Procuravam o buraco que dava no alto da caverna. Precisavam ir com cuidado, pois um descuido e podiam cair de grande altura com consequências até fatais.

Setevidas falou baixinho:

— É melhor acender um fósforo, Carlão, que não estou enxergando nada.

— É perigoso, Setevidas. De longe se vê qualquer luz na escuridão.

— Bobagem. Aqui no meio do mato as plantas tampam tudo. Não estou enxergando nada. A gente vai acabar caindo dentro da gruta e se rebentando todo.

— Vamos com cuidado, Setevidas, que a gente encontra e. . .

Uma luz forte, de repente, iluminou o local e alguém gritou com voz imperativa:

— Mãos para cima!. . . Estão presos!

Carlão e Setevidas ficaram imobilizados pelo susto e ofuscados pelas fortes luzes de várias lanternas apontadas para seus olhos. Foi só um instante. Logo depois Setevidas abaixou-se no meio do mato e tentou correr agachado. O estampido de um tiro fê-lo deitar-se, amedrontado. Carlão permaneceu de pé e, quando Setevidas correu, aproveitou o momento, levou a mão à cintura para retirar o revólver, mas um grito o deteve:

— Mãos para cima, senão atiro!

Obedeceu. Das sombras surgiram vários policiais que rapidamente cercaram o homem, desarmaram-no e prenderam seus punhos com

algemas. Enquanto isso, outro grupo de policiais dirigia suas lanternas para o canto do mato onde Setevidas tinha se escondido. O bandido ficou imóvel e outro tiro atingiu o mato próximo.

— Entregue-se, Setevidas, você está cercado!

O homem não teve outro jeito senão levantar-se devagarinho, as mãos para o alto, iluminado fortemente pela luz das lanternas.

Algemados, os dois, escoltados por policiais, desceram o morro e foram jogados dentro de um camburão.

No carro, que os levava de volta ao presídio, começaram a se acusar mutuamente pelo fracassado sequestro. Carlão estava com raiva de Setevidas.

— A culpa foi sua. Esse negócio de sequestro não dá certo. Se é para roubar banco, tudo bem, a gente entende do riscado, mas roubar menino rico, filhinho de papai. . .

— Mas tudo ia dar certo, Carlão. . . Eu só queria saber como é que a polícia descobriu tudo. . .

— Ora, Setevidas. Acharam os garotos na caverna e pronto.

— Essa não! Até o último noticiário do rádio não tinham achado os meninos. Como é que iam descobrir assim de uma hora para outra? . . .

22. OS BARCOS DE PAPEL

Na tarde daquele dia, depois que os bandidos saíram, os meninos, reunidos, discutiram a situação que, realmente, era perigosa. Precisavam arranjar um meio, urgentemente, de escaparem dali. Impossível salvarem-se sozinhos. O auxílio tinha de vir de fora, mas para isso era preciso comunicarem-se com as equipes de socorro.

Como? Quito desceu para o lago, no fundo da caverna. Com as mãos em concha apanhou um pouco de água e sorveu sem muita vontade. Demorou-se olhando uma folha que boiava desaparecer por baixo das pedras, levada pelo rio subterrâneo que atravessava toda a caverna e saía no lago exterior.

De repente, deu um grito e saiu correndo:

— Turma, acheeeeeei!!! Acheeeeeei!!!

— Achou o quê, a saída?

— Onde?

— Cadê, Quito?

Não, não era a saída. Quito arranjara um meio de se comunicar com o exterior. A solução estava ali, facilíssima: o lago.

— Como? — perguntou Josué.

Sem saber da solução, André precipitou-se a desaprovar:

— Não vai dar certo, Quito, é perigoso.

— Como perigoso? Você não sabe o que é.

— Sei. É mergulhar aqui, nadar no rio por baixo da terra e sair no lado de fora, lá no outro lago.

— Nada disto — Quito riu misterioso.

— E o que é? Fala logo — Miguel estava impaciente.

— Vamos fazer barquinhos de papel.

— Barquinhos de papel? Pra quê?

— Pra pôr no lago com uma mensagem. Aí o rio leva eles para o lado de fora e todo mundo fica sabendo que estamos aqui.

— Muito bem, vivaaaaa! — gritou Josué, entusiasmado.

— E como vamos fazer barquinhos de papel sem cola? — quis saber Miguel.

— Não precisa. É só papel dobrado. Vamos apanhar aquelas folhas de revistas que eu ensino vocês a fazerem. É fácil.

André lembrou:

— E por que a gente não usa nossos navios?

— Já pensei nisto — respondeu Quito — mas eles são grandes e podem encalhar nas pedras do caminho. Além disso estão com as pilhas gastas e a correnteza não tem força para levá-los até o lado de fora.

Dentro de pouco tempo, Quito, sentado no chão, começou a rasgar, febrilmente, as folhas das revistas. Dobra aqui, dobra ali, puxa aqui, puxa ali, e logo o primeiro barquinho ficou pronto. O lápis, que conservara do bandido quando este lhe dera para escrever o bilhete, Quito entregou a

Josué para ir escrevendo as mensagens. Elas diziam que estavam perdidos no fundo da caverna, no outro lado do morro e estavam ameaçados pelos bandidos Carlão e Setevidas. Diziam ainda que a caverna tinha uma abertura em cima.



Quito, ajudado pelos outros meninos, começou a rasgar e a dobrar as folhas das revistas.

Miguel e André aprenderam também a fazer barcos de papel. Quito pôs o primeiro dentro da água. Devagarinho ele se afastou da margem, foi envolvido pela correnteza e navegou em direção ao túnel de pedras do outro lado do lago. Quando desapareceu, foi saudado com gritos de alegria. Logo depois foi o segundo, o terceiro, o quarto. . . dentro de pouco tempo a superfície mansa do lago estava cheia de coloridos barquinhos de papel,

que levavam, mais que a mensagem, a própria esperança de salvação. Os peixes, abundantes, vinham mordiscá-los, e um ou outro foi rasgado e perdido, mas a grande maioria navegou docemente para o rio subterrâneo, em direção ao lago exterior, à luz do sol, à liberdade.

Com muitos barcos prontos, Miguel foi substituir Josué, que já estava com a mão cansada de tanto escrever mensagens. E mais barcos eram produzidos e lançados na água, flutuando sobre a correnteza que os levava para as entranhas da terra.

Do lado de fora, à margem do lago, a equipe de socorro era diminuta. Ali estavam apenas o sargento Farias do Corpo de Bombeiros e mais alguns poucos soldados, que serviam apenas de ligação entre a equipe que procurava dentro da caverna e a outra na mata. Ambas já não tinham mais esperanças de encontrar os meninos. A notícia do sequestro havia sido comunicada aos chefes das equipes, que, apesar de não revelarem o fato a seus comandados, sabiam da inutilidade completa de uma busca apurada. Os meninos não estavam perdidos. Estavam nas mãos de sequestradores. As buscas não parariam apenas para que a imprensa continuasse a noticiar os fatos e enganar os bandidos, protegendo os garotos.

De repente, o sargento Farias viu o primeiro barquinho de papel sair das entranhas da terra, flutuando nas águas mansas do lago. Ainda surpreso, viu um segundo barco navegando, e logo um terceiro, um quarto. . . eram muitos. Conseguiu trazê-los para a margem e leu, emocionado, a mensagem dos meninos. Era um apelo desesperado. Ele compreendeu logo o que se passava. Mais ainda. Que aquilo tinha de ficar em segredo. Assim, enquanto comunicava sigilosamente o fato a seu comandante, mandava recolher imediatamente os barquinhos que surgiam no lago. A imprensa não podia tomar conhecimento do fato, porque ele agora entendia que os bandidos de alguma forma haviam encontrado os meninos antes que as equipes de socorro e poderiam fazer-lhes mal. Era preciso sigilo e rapidez na ação.

Dentro da caverna os meninos, nervosos, se impacientavam. André reagia:

— Foi besteira. Os barcos de papel devem ter ficado no meio do caminho. Quem é que disse que esse rio vai dar no lago do lado de fora?

Josué tinha esperanças:

— Só pode ser, André. Esse rio tem de alimentar o lago lá de fora e os barcos devem estar chegando lá.

— Se não ficaram no meio do caminho.

— Pelo menos alguns devem ter chegado — confirmou, esperançoso, Miguel.

Quito estava calado e pensativo. Será que não dera certo sua ideia? Já fazia mais de uma hora que os primeiros barcos tinham sido lançados e nada de salvação. Ou será que o socorro estava a caminho e eles não sabiam? Pensou em fazer mais barcos e pôr no lago. Mas, tinham sido tantos. . . uma verdadeira esquadra de barquinhos de papel colorido, navegando suavemente pela superfície do lago, sendo engolida pelo misterioso rio subterrâneo. De repente. . . um barulho:

— Um helicóptero! — gritou André.

— Viiiivaaaaa! — gritaram os outros meninos em coro.

Todos tinham escutado o barulho de um helicóptero que se

aproximava. Diferente daquele que aparecera pela manhã, cujo ruído se achegava e afastava, este vinha seguramente para aquele lado. O ruído foi crescendo, crescendo, e pouco depois notavam com alegria que o helicóptero estava sobrevoando a caverna, traçando círculos, procurando um meio de se aproximar. O ruído agora estava maior e mais perto, constante, como se a máquina estivesse descendo nas vizinhanças.

— Vamos fazer uma fogueira para avisar da entrada da caverna — lembrou André.

Sem nada falar, todos correram para juntar gravetos. Mas, antes que atuassem fogo, Josué, que olhava para cima, notou os galhos das árvores se mexendo.

— Olha lá, pessoal!. . .

A cara de um homem apareceu pela fenda da rocha lá no alto. Logo depois outro e uma escada de cordas foi lançada. Por ela desceram três bombeiros recebidos com abraços de alegria.

E pela escada de cordas desceram mais homens. Até um médico com sua maleta de primeiros socorros para o caso de algum menino estar ferido. Levaram também alimentos, que foram devorados em poucos minutos.

Depois da alegria da salvação, vieram as novidades. Foi dito que os bandidos tinham pedido resgate e o plano da polícia era de que a salvação permanecesse ainda em segredo até que os sequestradores fossem presos. Por esta razão, deviam permanecer ainda dentro da caverna até a noite, acompanhados e protegidos pela equipe de socorro. Lá fora as buscas continuariam como se nada tivesse acontecido, inclusive com o helicóptero sobrevoando a montanha.

Reconfortados pela comida e tranquilos com a presença dos homens, os meninos, levados para um canto da caverna, cansados de tantas emoções, acabaram por adormecer.

Despertaram com o estampido de um tiro, que no silêncio da madrugada pareceu muito mais alto. Era o momento em que, lá em cima, a polícia cercava e prendia Carlão e Setevidas, quando eles voltavam para a caverna dispostos a liquidar os meninos.

Presos os bandidos, Miguel, André, Josué e Quito poderiam sair e finalmente encontrar seus pais. Gastaram o resto da noite para contar com detalhes toda a aventura vivida.

No dia seguinte, repórteres de jornais, rádios e até estações de televisão não os deixaram sossegados. Repetiram não sei quantas vezes a história, tiraram retratos, posaram brincando com os navios no lago, voltaram à caverna, que foi filmada.

Quito, pequenino e envergonhado, era o grande herói. Sua ideia de fazer barcos de papel, quando tudo parecia perdido, fora a salvação. Posou dezenas de vezes sozinho e com os companheiros para as fotos de jornais e revistas, para os filmes de televisão. Ganhou, de uma grande fábrica de brinquedos, navios mecânicos iguais aos de Miguel e André.

No domingo seguinte, Quito, sentado na soleira da porta de sua casa, trabalhava um pedaço de madeira, com um canivete, olhando, vez por outra, para o transatlântico que ganhara.

Miguel, André e Josué, sentados em volta, lembravam a aventura vivida e viam surgir, do pedaço de madeira que Quito desbastava, o casco de um navio de brinquedo.



Miguel, André e Josué viam surgir, do pedaço de madeira que Quito desbastava, o casco de um navio de brinquedo.

FIM